



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES – IEFES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA**

JESSICA DE ALMEIDA BATISTA

**DANÇA DE SALÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: PERCEPÇÃO DE ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA DE FORTALEZA**

**FORTALEZA
2016**

JESSICA DE ALMEIDA BATISTA

**DANÇA DE SALÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: PERCEPÇÃO DE ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA DE FORTALEZA**

Monografia submetida à banca examinadora do Curso de Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do grau de Graduada em Educação Física – Licenciatura

Orientador: Prof. Ms Marcos Antônio Almeida Campos

FORTALEZA

2016

JESSICA DE ALMEIDA BATISTA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B337d Batista, Jessica de Almeida.

Dança de salão na educação física: percepção de alunos do ensino médio de uma escola de Fortaleza /
Jessica de Almeida Batista. – 2016.
76 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação
Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2016.
Orientação: Prof. Me. Marcos Antônio Almeida Campos.

1. Dança. 2. Dança de salão. 3. Educação Física. I. Título.

CDD 790

**DANÇA DE SALÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: PERCEPÇÃO DE ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA DE FORTALEZA**

Monografia apresentada ao curso Educação Física do Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de licenciado em Educação Física.

APROVADA EM __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Marcos Antônio Almeida Campos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Ms. Edson Silva Soares
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Leandro Masuda Cortonesi
Universidade Federal do Ceará - UFC

À minha mãe e irmã, por todo o apoio e
carinho,

Aos que apreciam e amam a dança.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha mãe pela minha vida, por se dedicar a minha saúde, educação e apoiar nas minhas conquistas e realizações.

Agradeço a minha irmã e minhas tias, que incentivaram e ajudaram na minha jornada acadêmica.

Ao meu orientador Marcos Campos, que com amor a dança e confiança em mim e no meu trabalho soube conduzir-me nesse processo, sempre atencioso e paciente.

Ao André Cyrino, pela ajuda, atenção e disponibilidade na aplicação do meu projeto de pesquisa.

Aos meus amigos, por perguntarem sempre como estava meu TCC e apoiarem minhas decisões.

Aos professores Leandro Masuda e Edson Soares que aceitaram participar da banca examinadora dessa monografia.

RESUMO

Este estudo tematiza a inserção da dança de salão nas aulas de Educação Física no Ensino Médio. Tem por objetivo identificar a experiência dos alunos na dança e a sua percepção sobre as aulas de dança de salão na escola, relacionando-as à compreensão, aceitação, participação, benefícios e sentimentos obtidos com a sua prática. A metodologia é baseada na análise de questionários que abordaram questões referentes às características gerais dos participantes (nome, sexo e idade), conhecimento e vivências em relação à dança de salão e percepções sobre aulas ministradas. Verificou-se, na opinião dos alunos, que a dança de salão trouxe benefícios físicos, emocionais e sociais; sendo indicado, na opinião deles, como uma temática que deve ser inserida na escola.

PALAVRAS-CHAVE: dança; dança de salão; educação física.

ABSTRACT

This study addresses the insertion of ballroom dancing in physical education classes in high school. Aims to identify the students' experience in dance and their perception on ballroom dancing classes in school, relating them to the understanding, acceptance, participation, benefits and feelings obtained with its practice. The methodology is based on analysis of questionnaires that addressed issues related to the general characteristics of the participants (name, sex and age), knowledge and experiences related to the dance hall and perceptions of all classes. It was found, in the opinion of the students, the dance hall brought physical, emotional and social benefits; It is indicated, in their opinion, as an issue that should be incorporated in school.

KEYWORDS: dance; ballroom dance; physical education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS	12
2.1 OBJETIVO GERAL.....	12
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
3. REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1 A IMPORTÂNCIA E FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	13
3.2 DANÇA	14
3.2.1 DANÇA NA ESCOLA	15
3.2.2 A DANÇA COMO CONTEÚDO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	17
3.3. DANÇA DE SALÃO.....	19
3.3.1 HISTÓRIA DA DANÇA DE SALÃO.....	19
3.3.2 ADOLESCÊNCIA.....	20
3.3.3 SEXUALIDADE E GÊNERO.....	22
3.3.4 DANÇA DE SALÃO NA ESCOLA	24
3.3.5 BENEFÍCIOS DA DANÇA DE SALÃO.....	27
3.3.6 MUSICALIZAÇÃO PARA DANÇA DE SALÃO.....	29
3.3.7 OBJETIVOS E PROPOSTA METODOLÓGICA.....	30
3.3.8 FORRÓ E BACHATA COMO RITMOS ESTRATÉGICOS.....	33
4. METODOLOGIA	35
4.1 TIPOLOGIA DA PESQUISA.....	35
4.2 SUJEITOS.....	35
4.3 PROCEDIMENTOS.....	36
4.4 INSTRUMENTOS.....	36
4.5 ANÁLISE DE DADOS.....	37

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	38
5. CONCLUSÃO.....	59
REFERÊNCIAS	60
ANEXO 1.....	67
ANEXO 2.....	69
ANEXO 3.....	72

1. INTRODUÇÃO

Minha crença é que quando um ser humano dança com outro ser humano, algo acontece. Você começa a conhecer essa pessoa de uma forma que você não pode descrever.

Pierre Dulaine

Meu envolvimento com a dança de salão surgiu na participação do projeto Dançar Faz Bem, ao ingressar no curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará (UFC), no primeiro semestre de 2012. Aprendi a dançar salsa, zouk, forró e roda de cassino. Sempre gostei de dançar, já pratiquei jazz e hip-hop e houve um interesse em fazer algo novo junto aos meus colegas da faculdade.

Com o tempo fui levando a dança com seriedade, procurando treinar toda semana em práticas e bailes promovidos pelo projeto, além de entrar no GEZ (Grupo de Estudos do Zouk), oferecido duas vezes por semana no Instituto de Educação Física e Esportes. Participei dos dois projetos durante dois anos e em cursos particulares aprendi bachata e tango. O ganho de experiência me fez perceber várias modificações físicas, no convívio social e no lazer.

Na minha visão, a dança de salão tinha um público restrito de pessoas, com número reduzido de projetos, escolas de dança e eventos em Fortaleza. Porém, tive oportunidade de conhecer e fazer parte desse grupo, desconstruindo meus preconceitos. Hoje entendo que centenas de pessoas praticam diversos ritmos e as escolas estão cada vez mais evidentes na cidade.

Todavia, as propostas voltadas ao ensino da dança de salão na escola são escassas, enfrentando dificuldades como a desvalorização da mesma quando utilizada apenas para apresentações em dias festivos, despreparo dos professores para lecionar o conteúdo e preconceito dos alunos por desconhecerem ou terem uma visão limitada.

No contexto da Educação Física escolar é possível encontrar um ensino fragmentado e tradicional que ainda é criticado. O movimento renovador da disciplina

marcado pelo Coletivo de Autores (1992) propõe uma diversidade de conteúdos, os quais fazem parte das manifestações da cultura corporal de movimento a serem desenvolvidos durante as aulas de Educação Física, tais como: esportes, jogos, dança, ginástica e lutas, visando, através desses temas, a apreensão da expressão corporal como linguagem, mesmo sofrendo algumas resistências quanto ao seu ensino no âmbito escolar. (QUEIROZ, 2011, p.8).

No universo da dança encontra-se a dança de salão, cuja principal característica é ser praticada aos pares. Esta, possui objetivos de sociabilização e diversão entre casais, o que propicia o estreitamento das relações (FREIRE, 2001; PERNA, 2005).

Para a elaboração deste trabalho me inspirei no filme “Vem dançar”, que mostra a história de Pierre Dulaine, professor que se dedicou a ensinar dança de salão para jovens que eram considerados, pelo corpo docente da escola, rebeldes sem recuperação. Este professor tinha como objetivo utilizar a dança para a superação de barreiras dentro e fora da escola a partir da perseverança.

A essência da dança de salão baseia-se no valor ao respeito, ao trabalho em equipe e a dignidade, não importa quem a pratique. Desta forma o profissional de Educação Física tem na dança de salão mais uma opção para a otimização das possibilidades e potencialidades de movimento e consciência corporal, proporcionando benefícios físicos, psíquicos e sociais aos alunos de ambos os sexos (BUENO e ROCHA 2007; FRIEDRICH e MENDES, 2009).

Este trabalho se justifica pela ampliação da produção de conhecimento sistematizado sobre a dança de salão na escola, pois esta se restringe a poucos trabalhos, visto que na última década apenas 2 trabalhos foram publicados sobre esse tema no SCIELO, 1 no LILACS, 2 no site conexão dança e 13 no Google Acadêmico. Nota-se que na própria UFC, nos cursos de educação física, dança e projeto Dançar Faz Bem, não há nenhuma publicação. Portanto, entende-se a importância de aplicá-la na escola como mais uma opção inovadora de educação, respeito e expressão corporal.

Nesse contexto, mesmo sabendo de tantos benefícios que a dança de salão traz, questiono sobre a pouca presença desta prática nas escolas, considerando que faz parte das práticas populares, promove a saúde, socialização e formação do indivíduo. Nosso

objetivo como educadores é proporcionar aos alunos novas experiências, ampliando seu repertório motor ao invés de aulas impositivas e perfeccionistas.

Assim, através de uma pesquisa com alunos do Ensino Médio da rede pública de Fortaleza objetiva-se identificar a experiência dos alunos na dança e a sua percepção sobre as aulas de dança de salão na escola, relacionando-as à compreensão, aceitação, participação, benefícios e sentimentos obtidos com a sua prática.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar a percepção dos alunos sobre as aulas de dança de salão numa escola pública de Fortaleza.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar a experiência anterior dos alunos na dança;

Investigar a compreensão, aceitação e participação obtida com a prática de dança de salão na escola.

Investigar os benefícios e sentimentos obtidos com a prática de dança de salão na escola.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A IMPORTÂNCIA E FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

É comum nas aulas de Educação Física a prática corporal visando o desenvolvimento motor, porém, além desse parâmetro deve-se proporcionar aos alunos a socialização, o lazer, a consciência corporal e a cultura, permitindo uma visão crítica para que entendam a prática corporal e não apenas a reproduzam.

A aplicação de atividades esportivas dentro das aulas de Educação Física ainda é evidente e não há mal algum nisso, porém devemos oportunizar as mais variadas formas e possibilidades de movimento para que o indivíduo não veja apenas o esporte como atividade física e lazer. É importante abordar questões da própria cultura para que haja sentido e significado na execução das atividades físicas (BARBOSA, 2010).

Desta forma, a aula deve contribuir para que o aluno conheça seu corpo e outros corpos em movimento, entendendo a relação espaço-temporal que os une e os separa. Deve-se aceitar o corpo como um sistema de interação, uma totalidade integrada, cujas ações existem em função de um conjunto (FRIEDRICH e MENDES, 2009).

Concordo com Verderi quando afirma que:

(...) convém que adotemos uma proposta que considere o educando como um todo que se movimenta, que pensa, age e sente que explore suas possibilidades naturais na prática das atividades, que possibilite a liberação das emoções, o prazer da participação, que favoreça ao educando condições para o novo e que através de experiências ele possa perceber o que seu corpo é capaz de fazer e, a partir daí, desenvolver todas as suas potencialidades. (1998, p.30)

É através de vivências corporais prazerosas e diversificadas que o aluno poderá formular o saber sistematizado da cultura corporal. O professor deve buscar compreender o meio em que o seu aluno vive e fazer disso um ponto de reflexão dentro das aulas. Essa vinculação com o cotidiano é favorável para percepção e crítica do meio que o rodeia. A Educação Física é um mediador para a vivência de manifestações culturais possibilitando o entendimento e mudanças no seu cotidiano (BARBOSA, 2010).

Busca-se, portanto, uma valorização e um redimensionamento do pensar na disciplina enquanto área de conhecimento e de formação que integra o ser humano,

funcionando como componente importante na construção de cidadãos. Através da apropriação desta produção cultural, reproduzindo-a e transformando-a, os alunos poderão usufruir dos jogos, esportes, lutas, danças e ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e até mesmo da melhoria de vida da população em geral (FRIEDRICH e MENDES, 2009).

3.1.1 DANÇA

A busca da palavra “dança” em dicionários fornece inúmeras possibilidades de entendimento. Entre eles está apontada como “[...] sequência de movimentos corporais executados de maneira ritmada, em geral ao som de música” (FERREIRA, 1999, p.604). Entretanto, dança também é explicada como “arte e/ou técnica de dançar [...], estilo, gênero ou modo particular de se dançar [...]”, (HOUAISS; VILLAR, 2009, p.594), ao mesmo tempo em que se estabelece relação com gêneros distintos de organização destes movimentos corporais ritmados, como a dança da fecundidade, dança de salão, dança moderna, entre outras.

Segundo BONATTO (2013), a dança é uma das manifestações corporais mais antigas, a qual apresenta estilos que aportam à descoberta dos movimentos, da história e da cultura dos povos. Essa prática está vinculada a diferentes dimensões do cotidiano como lazer, prazer, religião, trabalho, costumes, ideias, relações e comunicação.

Na antiguidade, a dança produziu-se sob duas formas, sagrada e hierática, participando das cerimônias religiosas e profanas, destinadas aos divertimentos públicos e particulares. Diz a Bíblia, que a dança era muito utilizada entre os hebreus e que Davi dançou diante da arca. Entre os egípcios a dança também esteve em voga, mas foi entre os gregos que atingiu o seu mais alto esplendor. Fazia parte não somente das cerimônias solenes, religiosas ou civis, mas também, dos regozijos e jogos públicos. Dos gregos, a dança passou para os romanos que não tinham um caráter particular e a mesclavam com a pantomima, conhecida como teatro gestual. Com a invasão dos bárbaros, a dança só voltou a ter ascensão na Renascença com o Minueto, Gavota, Quadrilha, Pouca, Valsa e outras; muitas delas, inclusive, originando danças de salão da atualidade. (VICENTE,1986).

No Brasil, a dança originou-se dos mais variados lugares, recebendo influências, principalmente, africanas, mouriscas, europeias e indígenas. “As danças no Brasil são diversas em cada região, sendo as mais conhecidas, o Samba, o Maxixe, o Xaxado, o Baião, o Frevo e a Gafieira” (BRASILEIRO, 2003, p. 24). As danças folclóricas e tradicionais vão de acordo com cada região e localidade, “sendo diversas porque uma simples variação de ritmo pode mudar o título do estilo” (VERDERI, 1998, p. 12).

Dança é emoção e a emoção é a essência do homem. Não obstante, várias são as formas de movimentos e ritmos codificados para simbolizar a singularidade das emoções humanas. A dança retrata as ansiedades, ideias e interesses da nossa época, aliadas à forte necessidade do ser humano de extrapolar a sua essência ou transcender a sua existência em evasões positivas e significativas nas circunstâncias de sua vida real (NANNI, 1995).

Dançar, compreender, apreciar e contextualizar danças de diversas origens culturais pode ser uma maneira de trabalhar, discutir e de incentivar nossos alunos a criarem danças que não ignorem ou reforcem diferenças de gênero, mas acrescentem conhecimento e repertório motor aos jovens (MARQUES, 2007).

3.1.2 DANÇA NA ESCOLA

No sistema educacional brasileiro temos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como ponto de referência para o processo de ensino aprendizagem, no qual a dança se encontra como um conteúdo a ser trabalhado tanto dentro da disciplina de Artes como na Educação Física (BRASIL, 1997, BRASIL, 2001, apud VOLP, 2010).

Assim, o ensino da dança está redigido no sistema educacional nacional no ensino fundamental e médio, mas sua configuração e implementação não se encontra presente na maioria das instituições escolares (VOLP, 2010).

Marques (2007) aponta que a dança na escola ainda sofre preconceito. Apesar de estar enraizada em nossa cultura, alguns fatores dificultam a sua aplicação nas aulas de Educação Física como, por exemplo, os pais de alunos e os próprios alunos ainda consideram dança “atividade de mulher”.

A própria autora já aponta argumentos para desfazer esses preconceitos:

Em um país como o nosso, por que será que essa visão de dança ainda é constante? Digo em um país como o nosso pensando nos inúmeros grupos de dança e trios elétricos formados majoritariamente por homens durante o carnaval, nas danças de salão que o Brasil exporta; nas danças de rua; capoeira; entre tantas outras manifestações em que a dança não está associada ao corpo delicado da bailarina clássica, mas ao contrário, à virilidade, à força, à identidade cultural do homem brasileiro'. (MARQUES, 2007, p.20)

Cabe a nós, professores, desvincular a dança desses preconceitos, reconhecendo e criando novas possibilidades, como a própria discussão sobre este assunto. Poderíamos introduzir nas aulas momentos de reflexão, pesquisa e comparação, e, assim, agir criticamente e corporalmente em função da compreensão e transformação de nossa sociedade (MARQUES, 2007).

É necessário apresentar as várias manifestações da dança na cultura, nos diferentes contextos, de diferentes épocas, a cultura popular, discutir questões de gênero, incentivar o hábito de assistir espetáculos de dança, debater sobre a inclusão, para enfatizar ao aluno que não há jeito certo ou errado de dançar. Todos esses assuntos podem ser um enfoque importante para a formação do senso crítico destes indivíduos (GASPARI, 2008).

Oliveira (2007, p.41) contribui ao apontar que “a dança poderá formar um ser mais perceptível, o qual utilizará seu corpo como meio de expressão de suas experiências vividas, uma linguagem do corpo, uma de si mesmo, pois o corpo é o próprio ser”.

Pretende-se que os alunos evoluam quanto ao domínio do corpo, desenvolvendo e aprimorando suas possibilidades de movimentação, descoberta de espaços, formas, superação de limitações e condições para enfrentar novos desafios quanto aos aspectos motores, sociais, afetivos e cognitivos (SOUZA, 2011).

A dança no espaço escolar busca o desenvolvimento não apenas das capacidades motoras das crianças e adolescentes, mas também suas capacidades imaginativas e criativas. O corpo expressa suas emoções e estas podem ser compartilhadas com outros que participam de uma coreografia de grupo (STRAZZACAPPA, 2001).

O aluno ao entrar na escola, traz consigo um conhecimento a respeito de seu corpo e do movimento, devendo o professor aproveitá-lo e aprimorá-lo, não priorizando

a execução de movimentos corretos e padronizados, mas partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável.

Desta forma, a dança pode e/ou deve ser ensinada como disciplina específica, como recurso que deve ser utilizado a auxiliar na formação da personalidade. Deve-se ofertar as mais diversas modalidades de dança, privilegiando a experiência de maneira espontânea e divertida. É através do resgate da dança enquanto movimento natural do ser humano que se estará contribuindo para a formação de um ser social (FRIEDRICH e MENDES, 2009).

A vivência da dança na educação deve articular a criação pessoal e coletiva de movimentos, integrando a razão e o sensível, o individual e o coletivo, a arte e a educação, buscando-se alcançar qualidades físicas e psíquicas próprias para a formação integral do ser humano (FRIEDRICH e MENDES, 2009).

Isto deve nos fazer pensar que a manifestação dançante do ser deve entrar na escola pela porta da frente, sem preconceitos, sem primazia de técnicas tradicionais, conhecimento de artes eruditas em detrimento das manifestações populares tão ricas e portadoras de conhecimento quanto elas (VOLP, 2010).

3.1.3 A DANÇA COMO CONTEÚDO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Tendo como pressuposto que a Educação Física estuda o homem em movimento, ou seja, movimentos historicamente construídos, a dança é considerada como uma importante expressão corporal que se manifesta culturalmente e deve ser implementada como um dos eixos que estruturam a disciplina (FERREIRA, 2012).

Na opinião de Gonçalves (2006), a utilização da dança nas aulas de Educação Física, é imprescindível para o desenvolvimento físico, mental, afetivo e social. Por meio da dança, o aluno tem oportunidade de desenvolver sua capacidade expressiva e criadora, consegue adquirir maior domínio dos seus gestos, bem como confiança e segurança em suas atitudes. A dança contribui ainda para o desenvolvimento da consciência corporal, o aprimoramento da noção de tempo e espaço, da consciência rítmica e da educação dos sentidos.

Quando crianças são colocadas em dinâmicas ou atividades onde seus corpos ficam livres para o som, para o espaço e para o tempo, são inacreditáveis os movimentos que podemos visualizar; são corpos vivos, cheios de anseios, de energia e, sobretudo de esperança. É nessa linguagem que gostaríamos de ver profissionais da Educação Física promovendo essa possibilidade para seus alunos, assim como acontece com outros conteúdos mais presentes, como os esportes. (VERDERI, 1998 apud SILVA, ALVES, RIBEIRO, 2010).

Entende-se que a importância e significado da Educação Física implica em contemplar múltiplos conhecimentos produzidos a respeito do corpo. Este diálogo, pode se dar, através da dança, pois esta permite a otimização das possibilidades e potencialidades de movimento e de consciência corporal, permitindo atingir objetivos relacionados a educação, saúde, expressão corporal e artística.

Pereira et al., asseguram que:

Para que esses objetivos sejam alcançados em aulas de dança na escola, o conteúdo desenvolvido deve caracterizar-se por uma lógica didática com relação a seus objetivos, à organização dos conteúdos, à escolha metodológica, aos procedimentos a serem tomados. Sobretudo, todas essas decisões devem ser tomadas sob uma concepção de educação e, portanto, de Educação Física, para que efetivamente o professor venha a escolher o caminho correto para a consecução dos seus objetivos educacionais. (PEREIRA et al., 2001, p. 60).

A Educação Física na escola deve estar voltada para o desenvolvimento global da criança e do adolescente, favorecendo todo o tipo de aprendizado necessário à sua formação. Desta forma, sabendo a riqueza das possibilidades do ser humano de se movimentar e se expressar, não se pode pensar no ensino da dança como uma simples repetição de passos e gestos, mas oferecer um novo enfoque às inúmeras variações deste movimento (FRIEDRICH e MENDES, 2009).

A dança pode ser exercida não só como uma opção de lazer, mas também como um meio de formação (BRASIL, 1998) que necessita de uma compreensão estética e artística com corpos engajados de forma integrada no seu fazer-pensar. Essa seria a contribuição da dança para a educação: educar corpos que sejam capazes de criar pensando e ressignificando o mundo em forma de arte (MARQUES, 2003).

3.2 DANÇA DE SALÃO

3.2.1 HISTÓRIA DA DANÇA DE SALÃO

A dança de salão surgiu na Europa, entre os séculos XV e XVI, época do Renascimento. Chamada assim por ser o ato de dançar a dois em um salão, também é conhecida como dança social por proporcionar relações sociais. Tornou-se uma forma de lazer apreciada, tanto nos palácios da nobreza como entre o povo em geral, sendo praticada em momentos de confraternização e comemoração. Através de sua prática nos salões das cortes reais europeias este tipo de dança foi valorizado e levado para as colônias da América, Ásia e África (ALMEIDA, 2005).

No Brasil, a dança de salão chegou no século XVI, trazida pelos colonizadores portugueses e imigrantes europeus, onde sofreu influências culturais indígenas e africanas, em um processo de inovação, modificação e surgimento de novos estilos. Como diz Perna (2001) o gosto popular nacional deu novas características às danças de salão europeias, havendo uma mistura da cultura, da música e da dança local.

No final do século XIX e início do século XX a dança de salão tornou-se moda. Todos os eventos festivos eram motivo para um baile. Desta forma, professores de dança europeus eram contratados para manter a nobreza brasileira atualizada com os estilos que estavam na moda nas capitais europeias, entre elas: a valsa, a polca, a mazurca, o chote e a quadrilha (FRIEDRICH e MENDES, 2009).

Pode-se dizer, que até a década de 1960, os bailes eram um dos principais eventos populares para todas as idades e camadas sociais, onde as pessoas se divertiam, faziam negócios, iniciavam amizades, namoros, discutiam problemas políticos, sociais e econômicos da nação (FRIEDRICH e MENDES, 2009).

Com o surgimento das discotecas, que se tornaram entretenimento principalmente para o público adolescente e jovem das grandes cidades, a preferência passou a ser a dança individual, em que não havia a necessidade do toque, sendo uma forma mais independente de dançar. Porém, nas periferias, restaram alguns grupos que buscavam não perder essa cultura, principalmente no Rio de Janeiro onde as danças de salão continuaram fazendo parte dos bailes populares:

Se em determinados períodos, a dança de salão foi dada como desaparecida, isto aconteceu porque o historiador que fez tal relato não teve a visão das classes menos favorecidas (...), pois a dança de salão esteve também presente, nesse período, de forma muito ostensiva em diversos bailes de clubes de subúrbio. O que ocorreu foi que esteve longe da Zona Sul (elite social) carioca e, portanto, longe da mídia e da moda (PERNA, 2001, p.7).

A partir dos anos 80, com o surgimento da lambada e logo após o forró, a dança de salão foi retomada, sendo praticada em academias e escolas de dança, onde são organizados competições e espetáculos, estimulando os dançarinos a se aprimorarem e se profissionalizarem, em um processo de renovação e expansão. Segundo Perna (2001, pg.67) “... a dança de salão desapareceu de vez da classe média, só retornando com a explosão da lambada, em 1988, e novamente com o forró, em 1997, que trouxeram de novo os jovens aos bailes de dança de par.”

Atualmente, com a divulgação em programas de TV, a exemplo da dança dos famosos e *dancing with the Stars* (dançando com as estrelas), o espaço para essa atividade encontra-se cada vez em maior expansão. Há uma maior procura nas academias de dança em busca de ritmos não tão usuais como zouk, salsa, tango, bolero, soltinho e *West coast swing*, além dos ritmos já conhecidos como forró, sertanejo, samba de gafieira entre outros. Podemos considerar pela própria trajetória da dança que há possibilidade da mesma estar inserida no contexto escolar (FERREIRA, 2012).

3.2.2 ADOLESCÊNCIA

Os alunos do ensino médio normalmente se encontram na fase da adolescência que de acordo com Papalia (2006), se caracteriza pela transição da infância para a idade adulta. Seu começo e seu fim não são claramente marcados nas sociedades ocidentais; dura aproximadamente uma década, entre os 11 ou 12 anos e final da segunda década de vida ou início dos 20 anos. As definições legais, sociológicas e psicológicas do ingresso na idade adulta variam.

Na adolescência, a aparência dos jovens muda como resultado dos eventos hormonais da puberdade, acompanhada de mudanças cognitivas, onde são capazes de pensar em termos abstratos e hipotéticos. Seus sentimentos mudam e há alterações nos padrões de interação com os pares e familiares. Todas as áreas de desenvolvimento convergem ao autoquestionamento à medida que os adolescentes confrontam sua principal tarefa: formar uma identidade (PAPALIA, 2006).

A formação da identidade na opinião de Coll, Marchesi e Palacios (2004) é um fenômeno psicológico de natureza psicossocial. É necessário considerar que apesar de ser uma característica pessoal, é experimentada em um contexto social determinado, em que o sujeito estabelece uma série de relações e experimentam diversos papéis. Cada um desses contextos (família, amigos ou escola) terá importância e influência, proporcionando informações ao jovem sobre sua imagem.

De acordo com os autores Carvalho e Pinto (2003):

As variações bruscas nas dimensões corporais, a maturação sexual, as alterações hormonais, entre outras, precisam ser consideradas no relacionamento com os adolescentes. Tais transformações impactam sua imagem corporal, ou seja, a percepção que um adolescente tem de seu físico. Essa pode ser influenciada por experiências anteriores que o levaram a se ver enquanto uma pessoa atrativa ou não, forte ou fraca, masculina ou feminina, independente dos fatores reais de sua aparência física e capacitações. Associada a essas mudanças, há a aquisição de novas capacidades cognitivas e responsabilidades quanto a papéis sociais. Sobre os adolescentes pairam diferentes exigências e expectativas das famílias, amigos e comunidade, sugerindo o desenvolvimento gradual de sua autonomia na perspectiva de que, na idade adulta, já tenham desenvolvido a capacidade de tomar decisões, de exercer julgamentos e de regular apropriadamente o próprio comportamento (2003, p.12).

As músicas e as danças refletem os valores de uma determinada época e sociedade (LABAN, 1990). Pauli et al (2003, p.62), afirma que “o adolescente sofre a influência dos fatores da época em que vive”. As indústrias fonográficas e a mídia têm produzido músicas e danças direcionadas à massa popular, fazendo com que as pessoas fiquem “à margem de sua própria cultura, pois elas são um produto industrial onde a intenção principal não é a arte, e sim à satisfação das demandas do mercado” (BERTONI, 2001, p.76).

Atualmente, as danças e letras de músicas que a indústria cultural tem oferecido as crianças e aos adolescentes, ditam padrões de comportamento preocupantes. Segundo Bertoni (2001, p.78), “as implicações da chamada música de mercado influenciam, tanto no aspecto cultural como no social, a formação dos jovens”. A pobreza de vocabulário e a sensualidade expressas nas letras das músicas, juntamente com as danças, podem aflorar uma sexualidade precoce, interferindo no processo do desenvolvimento da criança e do adolescente.

Se a criança for estimulada a imitar a sexualidade adulta, sem condições reais para isso, o excesso de excitação poderá diminuir seu interesse e sua capacidade para

pensar, se sentir capaz e desenvolver gradativamente sua identidade. Além disso, impede as vivências lúdicas, que são a base para o desenvolvimento da criatividade e o estabelecimento nas relações afetivas. Uma criança erotizada poderá deslocar sua afetividade para a sexualidade e, ao chegar à adolescência, poderá lidar com as questões sexuais de maneira precipitada e patológica, criando relações efêmeras que não alcançam a afetividade (SBORQUIA e GALLARDO, 2002).

Esse interesse imediato dos adolescentes em relação a esses ritmos impostos pela mídia pode ser explicado quando Pauli et al (2003, p.1), afirma que “os adolescentes possuem uma tendência ao ato, isto é, a descarregar seus impulsos agressivos e sexuais de uma forma direta, através de vias de expressão rápida, que tragam satisfação imediata aos seus desejos”.

Toda esta influência só ocorre porque existe aceitação por parte da população e não adiantaria uma censura ou proibição, pois limitaria a reflexão das pessoas. É nesse ponto que a dança de salão pode contribuir no desenvolvimento desses adolescentes, oferecendo novas possibilidades de vivências corporais, e, ao mesmo tempo, gerando uma criticidade, levando em consideração as questões físico-biológicas e sociais desta fase.

3.2.3 SEXUALIDADE E GÊNERO

A sexualidade humana é resultante de um processo complexo, envolvendo a hereditariedade e as pressões ambientais que são exercidas principalmente pela cultura, que influencia e seleciona o comportamento sexual (AQUINO, 1997). É de fundamental importância que a formação do professor de dança de salão abarque o conhecimento sobre educação sexual e sexualidade, pois estará mediando uma atividade sujeita a pressão do ambiente, influenciando o conhecimento e comportamento sexual do aluno.

Na escola evidencia-se uma proposta educativa pautada pela prevenção em saúde e biologia dos corpos, baseada nas discussões sobre sexualidade, tendo como ênfase a apresentação das informações sobre a saúde sexual e reprodutiva, doença-transmissão-risco e prevenção de gravidez (CZERESNIA, 1999).

Desta forma, as práticas pedagógicas em Educação Física na escola são propostas a partir do enunciado do “sexo seguro” como forma de regular os corpos

saudáveis. Isto se dá em regime de silêncio sobre as formas de vida que destoam da heterossexualidade e sem considerar as desigualdades de gênero (MEYER e FÉLIX, 2012 apud DORNELLES, 2013).

Nas aulas de dança de salão a abordagem sobre sexualidade é diferente. Como professores, precisamos estar atentos à natureza deste estilo, que utiliza o toque como a comunicação da condução, mas sem significado sexual. Quem opta por atitudes potencialmente estimuladoras tem o dever de abordar o assunto prevenção com seus alunos. O desenvolvimento da autoestima pode ser iniciado sobre esta base, permitindo a descoberta confortável das possibilidades do próprio corpo, vivenciando o toque sem segundas intenções (ZAMONER, 1971.2005?).

Para Jesus (2005), toda dança, independentemente de seu ritmo, transmite uma certa sensualidade, a sensualidade dos corpos em movimento sem serem vulgares. Para o autor, somos sensíveis a gestos de carinho que ficam adormecidos no dia a dia e são despertados por quem pratica a dança de salão, que tem o poder de fazer estes sentimentos aflorarem.

A atitude do professor é exemplo para o aluno. O aluno troca de parceiros nas aulas, nos salões e nos demais ambientes onde se dança. Certamente, há uma pressão ambiental negativa para a seleção de seu comportamento sexual se o professor sugerir que a dança de salão é um instrumento para seduzir, um facilitador para manter relacionamentos afetivos simultâneos. Agindo desta maneira poderá remeter a uma confusão entre as funções de cavalheiro/dama e namorado/namorada (ZAMONER, 1971.2005?).

Para a dança de salão, os termos cavalheiro e dama são mais apropriados do que homem e mulher. Esses termos remontam ao tempo histórico em que esta arte surgiu. Foram conservados o papel do cavalheiro que conduz e o papel da dama que permite ser conduzida, refletindo a sociedade da época. Porém, homens e mulheres não desempenham mais os mesmos papéis na sociedade de hoje. Homens não conduzem mulheres, mas cavalheiros continuam conduzindo damas. É nosso dever debater a origem dos fenômenos da condução, esclarecendo que, embora a condição exista na dança de salão, o que deu origem a ela não existe mais (ZAMONER, 1971.2005?).

Por isto é necessária uma boa formação do profissional, mostrando que a dança de salão pode promover a valorização da autoestima e favorecer o respeito com o próximo, sendo necessário deixar claro os objetivos das aulas e as regras para uma boa convivência e fluidez.

3.2.4 DANÇA DE SALÃO NA ESCOLA

A dança de salão, nos últimos anos, tornou-se um dos estilos mais dançados em virtude das músicas de sucesso como: o sertanejo, o forró universitário, o pagode, entre outros que participam do cotidiano dos alunos. Já os estilos menos conhecidos podem enriquecer o repertório cultural, rítmico e motos desses jovens e devem e fazem parte dos conteúdos de dança nas aulas de Educação Física.

De acordo com Tortola e Lara (2006) a dança de salão é uma das formas de expressão gestual do ser humano. Ela faz parte de um conhecimento a ser apreendido na escola porque além de conduzir à experimentação das várias habilidades de movimento, nos remete ao trânsito pela diversidade cultural e pela possibilidade de identificação das características de um dado estilo. Ou seja, a dança de salão tem um vasto conteúdo, pois os diversos ritmos são representados por vários países, e, mesmo com suas peculiaridades culturais, seus passos são difundidos e compreendidos por todo o mundo.

As vantagens de se incluir a dança de salão na escola, além de ampliar o conhecimento que os alunos têm sobre dança e música, é ser uma atividade acessível a ambos os sexos, promovendo a sociabilidade, o respeito e a disciplina, adaptando-se às habilidades individuais de qualquer pessoa (VOLP et al, 1995).

TOLOCKA et col. (2006, p.57) afirma que “os dançarinos estão sempre próximos uns dos outros, em situação de contato corporal” e que “cada um dá suporte ao outro”. O dançar junto, portanto, consiste em dois corpos desenhando formas e movimentos no espaço como se fossem um só (FRIEDLANDER, 2006).

De acordo com Volp (1994) a dança de salão propicia um contato direto com as emoções, devido ao toque corporal com parceiros do sexo oposto. Na escola, possibilita novos significados, na tentativa de ajudar os jovens no enfrentamento de possíveis

conflitos advindos desta fase, pois desafia suas aptidões físicas na procura de harmonia com a outra pessoa, auxiliando-os na compreensão das relações interpessoais.

Para Volp (2010) a solução dos problemas motores na situação aos pares, seguindo um determinado ritmo musical e uma trajetória num salão deve ser respeitosa e compartilhada com outros, coloca os executantes em situações ímpares de enfrentamento consigo mesmo e com seus parceiros.

“Alguns jovens dizem que dança de salão é muito difícil de aprender e é praticada por pessoas mais velhas” (DOMICIANO et al, 2008, p.2). Há uma certa verdade, pois, como afirma Volp et al (1995), ritmos como o bolero, o tango, o chá-chá-chá, o foxtrote e a rumba são dançados em bailes de adultos ou de 3ª idade. Mas danças como forró, samba e lambazouk, “também conquistaram os espaços nos cursos de dança de salão ao lado das imortais valsa, tango e bolero” (STRAZZACAPPA, 2001, p.73).

A dança de salão de hoje, segundo Ried (2003), citado por Sousa e Caramaschi (2011), é o resultado de centenas de anos de evolução, retratando e adaptando-se às necessidades e características típicas de cada sociedade e época. Como consequência dessa evolução, constitui hoje uma prática de atividade física difundida por todo o mundo, impulsionada pelo lazer, esporte e saúde no mais amplo sentido e necessidades sociais.

Durante a seleção das modalidades, o professor deve estar atento não apenas ao conteúdo, mas à forma como ele será ensinado. Deve-se perceber como elas são instituídas nos diferentes espaços sociais, e a partir de um olhar reflexivo e problematizador, construir uma forma de introduzi-las na escola, pois alguns desses métodos vão contra a experiência sensível, a organização coletiva e autonomia dos alunos, e a concepção de sentidos e significados para os movimentos corporais presentes na dança de salão.

Barbosa (1997) apud Volp (2010) ressalta que para o ensino da dança se tornar estruturante precisa-se que os professores tenham uma formação integrada englobando as dimensões conceituais (contexto histórico/cultural e transformações ocorridas ao longo dos tempos), procedimentais (passos, movimentações básicas dos principais ritmos) e atitudinais (valores e condutas que precisam ser incorporadas para dançar a dois). Uma proposta voltada a estas três dimensões encaminha para um ensino

direcionado ao desenvolvimento integral do aluno por meio de manifestações dançantes. (OLIVEIRA; DICKOW, 2011).

Mesquita (2011) afirma que o professor de dança de salão sistematiza seus ensinamentos e com isso orienta as conquistas do processo de ensino-aprendizagem, assumindo assim, compromissos juntamente com os seus alunos, ouvindo-os, instigando suas ideias, dando espaço para questionamentos e construindo conhecimentos em dança: seja na sua história, origem, forma de ensinar e de se locomover.

Segundo Volp (1994) citado por Volp (2010, p.219) a dança de salão “[...] tem como funções através dos tempos e das culturas o divertimento, a sociabilização, a prática de uma atividade física prazerosa, o culto à beleza, a vertente terapêutica e outras”. A referida autora ainda reflete o grande aporte que influencia o gênero, a história, o tempo, o espaço e a formação dos cidadãos em todos os níveis e prerrogativas educacionais, a qual pode ser um conteúdo agregador de vários campos do conhecimento (VOLP, 2010).

Na escola, um recurso muito utilizado são as apresentações coreográficas em datas comemorativas e festivais. Sua realização pode ser positiva para a formação de crianças e adolescentes, desde que o foco não esteja na performance, mas no processo de construção de saberes durante a montagem coreográfica, ensaio e apresentação. A experiência de lidar com a plateia pode ser um momento singular na vida dos alunos, repleto de emoções e expectativas, mas não é o ponto principal do desenvolvimento do conteúdo. O projeto final é o fruto da dedicação, cooperação, criação e descoberta, passados por longos períodos de construção do saber que se apresenta ao público em forma de dança (DOMICIANO; MARCELLI, 2009).

Sendo assim, a dança de salão deve se integrar à escola deixando sua contribuição para a renovação e alteração da educação, contemplando tanto os objetivos da escola quanto os objetivos da Educação Física, de modo que este se integre efetivamente e tenha um maior poder de interferência e modificação no aprendizado dos alunos.

3.2.5 BENEFÍCIOS DA DANÇA DE SALÃO

A dança de salão é uma atividade física que integra inúmeros campos de saberes e revela-se como prática plural atestada de diversos benefícios. Cabe a nós professores proporcionar aos alunos vivências, para que essas benfeitorias sejam aproveitadas, auxiliando na melhora da qualidade de vida, pois é uma atividade física de baixo impacto que promove a saúde, trabalha na melhoria da autoestima e tem um importante papel no desenvolvimento da socialização e integração entre os indivíduos. (TONELI, 2007, p.54)

Vários autores abordam os diversos benefícios que a dança de salão pode proporcionar e isto reforça a importância da sua prática e implementação como conteúdo na escola, favorecendo a educação dos adolescentes e podendo formar a base para outras modalidades de dança.

De acordo com Bueno e Rocha (2007, p.4):

A dança de salão pode proporcionar: a interação da mente e do corpo; a sensibilidade musical individual e em pares; a melhoria da coordenação motora e do equilíbrio; amenização de encurtamentos musculares; o respeito ao espaço do outro; o bem-estar do contato físico entre as pessoas; o aumento da qualidade de vida e saúde física; entre outros benefícios, psíquicos e sociais.

Outra autora que tem essa mesma imagem da dança é Almeida (2005, p.130) ao afirmar:

A dança a dois melhora a capacidade física e redução dos estados depressivos. Provavelmente, o que todos querem diante da pista de dança, é simplesmente a busca do prazer. Prazer por estar dançando, pela pessoa que está dançando junto, pela música ouvida e pelo lugar onde é praticada.

A dança de salão além de auxiliar na saúde, faz com que os praticantes passem a se conhecer melhor, tenham maior consciência corporal, lidem melhor com seus erros e com os erros dos outros e rompam preconceitos, o que interfere de maneira positiva no relacionamento e na integração (TONELI, 2007).

Neste sentido, a prática da dança de salão pode ser vista sob a ótica do desenvolvimento da comunicação entre os participantes, desenvolvendo as relações interpessoais e as aptidões, relacionados ou não as tarefas diárias, proporcionadas pelas atividades culturais, físicas e do lazer que se fundamentam no interesse dos indivíduos, e aumentam o nível geral do entendimento da realidade física e social (ALMEIDA, 2005, p.133).

Esta atividade é um excelente mediador para trabalhar a consciência corporal, o contato e o conhecimento do corpo do parceiro e seus limites. Segundo Jesus (2005), as pessoas querem aprender a dançar para relacionar-se melhor em grupo. Isso para a formação do aluno é de grande relevância ao construir seu caráter e sua maneira de lidar com os outros em sociedade.

Ried (2003) coloca a dança de salão como um recurso no combate ao sedentarismo, pois além de ter características físicas traz satisfação por ser uma atividade conjunta ao som de uma música. É lúdica e acessível a todos, já que as únicas exigências fundamentais são a música, um espaço e um parceiro.

Este estilo é composto por uma coleção de diversos passos que serão combinados na música, de acordo com a criatividade do cavalheiro e da dama. O par pode ainda criar passos novos, como uma criança faz ao reproduzir estruturas com blocos de montar. O ideal é ensinar como o cavalheiro deve conduzir e como a dama deve ser conduzida e a partir daí, deixar o aluno desenvolver a criatividade nas diversas possibilidades que surgirão (MORENO, 2004).

No ensino dessa modalidade, também há benefícios cognitivos ao articular conteúdos de outras áreas, por exemplo: contextos históricos e geográficos no surgimento das danças; sociologia e biologia. Sua natureza é, portanto, interdisciplinar, não se restringindo a transmissão de técnicas, mas necessitando de outras áreas de conhecimento para se completar.

Segundo Gonzaga (1996), outro benefício indispensável é a boa postura para a dança de salão. Portanto, como objetivo ou como consequência será vivenciada pelo aluno que durante a adolescência poderá adquirir hábitos positivos de postura e tender a mantê-los ao longo da vida.

Um programa de dança de salão na escola oferece um novo artifício para os alunos serem fisicamente ativos, promovendo o respeito, o trabalho em equipe, a confiança e a alegria. Permite a participação de todos, independentemente da composição corporal, sexo ou aptidão física, além de poder ser dançada em casa ou em outras situações sociais, fora de um programa escolar.

Levando em consideração os fatos expostos, proporcionar aos alunos do ensino médio atividades que ofereçam prazer, autoconfiança, reflexões sobre papéis sociais e

diferentes práticas culturais, além da atividade física, torna-se instigante. Acredito que a dança de salão não é a única atividade a oferecer todos esses benefícios, mas faz parte de uma das possibilidades (BARBOSA, 2010).

3.2.6 MUSICALIZAÇÃO PARA DANÇA DE SALÃO

Pedagogicamente outro ponto que chama a atenção é a questão do tratamento dado a música nas aulas de dança de salão.

A arte-educação permite a reflexão sobre a realidade e o cotidiano, que proporciona a manifestação expressiva da sensibilidade (SECRETARIA ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE DE SÃO PAULO, 1994). Portanto, o elemento rítmico, a cadência, a melodia são elementos extremamente importantes para a aprendizagem (STEINER, 1992).

Na infância e adolescência tive a oportunidade de vivenciar uma formação musical. Na escola, durante o ensino fundamental I e II, participava de aulas de música, onde tive contato com alguns instrumentos musicais e coral, onde ao final de cada semestre uma apresentação feita. Também frequentei o conservatório de música por alguns meses, participando de aulas de coral. Esta experiência fez muita diferença nas aulas de dança de salão. Agregando o conhecimento adquirido na escola com a dança, a cumplicidade entre movimento corporal e melodia tornou-se uma constante. No entanto, são insipientes as bases teóricas que fundamentam o desenvolvimento de técnicas de ensino de musicalização para as aulas de dança de salão.

A dança de salão é a arte de interpretar a música através de movimentos dos corpos de um casal, quando o cavalheiro atrai a dama a realizar movimentos (MORENO, 2004). Música e dança apresentam laços indissociáveis. A partir da apresentação desta ligação, podemos perceber a importância do ensino da musicalização nas aulas, pois, sem isso, os alunos podem acabar executando os passos ensinados "friamente", desconectada de uma circunstância melódica.

Tentando contribuir para a formação musical do aluno, são necessários exercícios que proporcionem uma vivência musical direcionada à dança de salão como o desenvolvimento da atenção auditiva, ritmo, melodia, harmonia e expressão, o que é fundamental para a práxis desse estilo como arte. Estes exercícios permitem exercitar a atenção e harmonizar a música com a dança (ZAMONER, 2005).

Estes exercícios fornecem um entendimento adequado da música, onde o casal será capaz de reproduzi-la enquanto dança. Dessa forma o par estará alcançando o prazer máximo da dança de salão. Como todo processo educacional requer tempo, mas o resultado dessas vivências e aprendizados são indispensáveis e satisfatórios.

3.2.7 OBJETIVOS E METODOLOGIA DA DANÇA DE SALÃO

Nas aulas para o ensino da dança de salão alguns profissionais insistem no desenvolvimento de abordagens tradicionais que priorizando o resultado da conquista do movimento, da técnica, da plasticidade, do estético, da vitrine para exposição do trabalho desenvolvido, do uso exacerbado de movimentos repetitivos, do silêncio como condição básica para o ensinar e o aprender, da imitação, do poder centralizado no saber do professor, no desligamento do conteúdo ensinado da cultura, do contexto social. Assim, os professores se distanciam do compromisso da formação do homem enquanto ser socialmente ativo (MESQUITA, 2008).

Como professores precisamos estar preparados para trabalhar de maneira interdisciplinar, recorrendo a outros conhecimentos, indo além dos passos de dança. Devemos nos apropriar da curiosidade permanente dos adolescentes por assuntos diversificados, apresentando-lhes uma nova proposta metodológica, que atenda às suas necessidades, esquematizando e propondo atividades a serem abordadas, empregando ao máximo os benefícios da dança de salão (DEBORTOLI, 2002).

De acordo com Mesquita (2008, p.1) devemos nos atentar para alguns pontos importantes no processo de aprendizagem de dança, utilizando as novas abordagens pedagógicas. Esses pontos são:

- Realçar o senso de cooperação, responsabilidades e solidariedade entre eles;
- Aumentar o seu poder de ação e autônoma;
- Determinar regras grupais partindo de uma análise que favoreça o grupo e não somente ações individualizadas;
- Descentralizar o poder do professor sem lhe negar a condição de autoridade;

- Oportunizar a criação de movimentos e/ ou coreografias cooperativas comprometidos com a técnica, mas principalmente compreendidos como apropriação individual ou grupal;
- Estimular a pesquisa bibliográfica e de campo;
- Aceitar o barulho que fazem como espaço de trocas e aprendizados;
- Favorecer a descoberta das possibilidades corporais ao dançar sem estruturá-los nos medos e frustrações de quem ensina;
- Dinamizar as propostas metodológicas;
- Diversificar as atividades a serem ensinadas.

Mesquita (2011) ainda afirma que o professor de dança de salão sistematiza seus ensinamentos e com isso orienta as conquistas do processo de ensino-aprendizagem, assumindo assim, compromissos juntamente com os seus alunos. Ou seja, dentro da escola há um compromisso com o ouvir o aluno, instigar suas ideias, dar espaço para questionar e construir conhecimentos em dança: seja na sua história, origem, forma de ensinar e de se locomover.

A dança de salão apresenta algumas tendências metodológicas. Tendências estas, vinculadas à forma de conduzir seu ensino, em que definirão a posição tanto do professor como do aluno diante do processo pedagógico. Estas são compostas por propostas fechadas, que também são conhecidas como metodologia tradicional; e propostas abertas, apontadas como metodologia transformadora.

Nesse sentido, Mesquita (2011, p.116) revela as seguintes características da proposta fechada (metodologia tradicional):

Neste modelo, é priorizado o ensino no qual o professor centraliza nele as decisões do processo ensino aprendizagem. Uma forma tradicional de ensino muito utilizada, pois lhe atribui uma autoridade absoluta do saber e do fazer. O aluno é compreendido como um ser passivo diante dos conhecimentos e lhe resta executar os mecanismos de repetição e memorizações para aprendizado. Interesses, necessidades, expectativas dos alunos não são considerados prioritariamente, para organização do processo de aprendizagem.

Já em relação à proposta aberta (metodologia transformadora), Mesquita (2011, p.116-117) expõe que:

As propostas abertas de ensino se fundamentam em concepções pedagógicas mais críticas e transformadoras. O professor é mediador do aprendizado. As decisões da aula relativas aos objetivos, conteúdos e as formas de transmissões podem ser negociadas entre aluno e professor. Negociações sustentam as situações alternativas de ensino, o poder e autoridade é reconhecido como poder de ambos e induz a uma sequência de interesses, espaço de manifestações, valorização, significados e responsabilidades. O professor estabelecendo esta relação de cumplicidade renuncia a defender a imagem do professor que “sabe tudo” facilitando manifestações encorajadas dos saberes dos alunos.

As orientações teórico-metodológicas de Pernambuco (2008) destinam o ensino da dança de salão para os alunos do Ensino Médio. Nessa proposta busca-se trabalhar no 1º ano do Ensino Médio a compreensão das origens das danças de salão, bem como provocar a análise de semelhanças e diferenças entre as danças de salão nacionais como forró, forró estilizado, salsa e samba de gafieira. Análise esta quanto aos passos, personagens, vestimentas, locais de realização, possíveis variações rítmicas, motivações, origem histórica, evoluções das danças, tendo como ponto de partida a realidade cultural da região (PERNAMBUCO, 2008, p. 49).

Já para o 2º ano do Ensino Médio, Pernambuco (2008, p. 51-52) propõe a análise das semelhanças e diferenças entre as danças de salão internacionais como tango, bolero, entre outras. Prevê a observação de passos, vestimentas, origem histórica, locais de variações e demais itens propostos também ao 1º ano; além de atividades que reforçam o conhecimento histórico das mesmas e a vivência prática das danças de salão propostas.

No 3º ano do Ensino Médio, as propostas baseiam-se na diferenciação dentro das danças populares, de salão e eruditas dos diferentes elementos coreográficos como cenários e vestuário. Configura-se também a escolha de formas, elementos, instrumentos e movimentos predominantes para a construção coreográfica das referidas danças, entre outros aspectos metodológicos (PERNAMBUCO, 2008, p. 54-55).

A partir das investigações encontradas sobre a prática do ensino da dança de salão na escola, verificaram-se algumas lacunas tanto na estruturação de conteúdos como nos processos metodológicos a serem seguidos. Assim, faltam subsídios em relação ao tipo de abordagem metodológica e tipos de conteúdos que devem ser eleitos, no momento em que o professor tiver a responsabilidade de ensinar a dança de salão em

um viés onde o aluno deva estar apto em conhecer as estruturas culturais no final da unidade didática.

3.2.8 FORRÓ E BACHATA COMO RITMOS ESTRATÉGICOS

O Forró surgiu no Nordeste. Quanto à nomenclatura, existem várias hipóteses que buscam explicá-la, uma delas é a derivação da palavra forrobodó, festas populares no Nordeste, conhecidas como “festa para ralé”, na qual costumava haver muita dança. Esta versão é defendida por Quadros e Volp (2005).

Outra possível origem, é que a palavra surgiu do inglês, *for all*, que se traduz como dança “para todos”. Ela surgiu devido às festas frequentadas por operários de estradas de ferro do Nordeste que eram administradas pelos ingleses que as chamavam de *for all*, que soava para os nordestinos como forró. Um dos autores que defendem essa teoria é Perna (2005).

O Forró como dança e música sempre teve grande aceitação na região Nordeste, tendo características simples e básicas, derivando vários estilos como xote, baião, forró pé de serra, miudinho, xaxado e outros. No início de 1996 o Forró sofreu algumas alterações tornando-se o “Forró Universitário”, mantendo as características de todos, mas não os diferenciando. Na dança foram criadas evoluções de braços, giros e até acrobacias que derivaram de ritmos como salsa, samba de gafieira e outros. Nas músicas foram acrescentados instrumentos eletrônicos, mas permanecendo os instrumentos característicos como zabumba, sanfona e triângulo (ALMEIDA, 2005).

A busca pelo Forró se tornou maior entre os jovens nas academias, que aproveitaram para divulgar ritmos não tão usuais. Existem várias casas noturnas que tocam Forró, tornando um dos estilos mais dançados no Brasil.

Já a bachata surgiu nos campos e vizinhanças rurais da República Dominicana, país situado nas ilhas caribenhas, entre os anos 50 e 60. Por conta da popularidade da salsa e do merengue, que já tocavam nas rádios, os músicos que tocavam bachata tiveram que desenvolver seu próprio sistema de distribuição das músicas, já que era pouco conhecido fora dos guetos.

As músicas tratam geralmente de assuntos românticos, tendo semelhança com o bolero. A dança é inspirada nos movimentos do bolero, do tango, do cha cha cha, dentre outras danças de origem latina. Conhecida pela sensualidade, romantismo, leveza e alegria dos movimentos dos quadris e do corpo.

Por isso, podemos considerar o Forró como um ritmo a ser ensinado na escola por fazer parte do lazer e da cultura de todo o Brasil, atendendo ao gosto do público adolescente e a bachata como um estilo novo, que poderá gerar curiosidade e interesse dos alunos e de fácil aprendizagem, pois utiliza alguns passos do forró, diferenciando apenas a contagem na dança.

4. METODOLOGIA

4.1 TIPOLOGIA DA PESQUISA

O presente estudo se caracteriza como uma abordagem predominantemente qualitativa, no qual o interesse volta-se “[...] ao lado subjetivo dos fenômenos, buscando depoimentos que se transformam em dados relevantes também oriundos de pessoas simples” (DEMO 2005, p. 113).

Em relação ao seu delineamento, essa investigação ocorreu na forma interventiva que tem como principal finalidade produzir conhecimento científico sobre uma atuação realizada junto a um grupo, a uma comunidade, a indivíduos que se encontram em situações específicas, particulares. Essa atuação teve como objetivos trazer maior esclarecimento e/ ou provocar transformações em relação a determinados aspectos evidenciados pela própria pesquisa (BAPTISTA; NOGUCHI; CALIL, 2006).

A pesquisa interventiva tem uma forte influência da pesquisa-ação e pesquisa participante, mas, diferentemente delas, enfatiza os aspectos psicológicos tanto na aplicação da proposta quanto no conhecimento dos participantes, nas relações que são estabelecidas entre participantes e pesquisadores e também na compreensão, análise e exposição do conhecimento produzido (BAPTISTA; NOGUCHI; CALIL, 2006).

4.2 SUJEITOS

A pesquisa foi realizada inicialmente com 25 alunos, sendo que no decorrer das aulas ministradas finalizou-se com 14 alunos, entre 14 a 19 anos de idade, sendo 10 participantes do sexo feminino e 4 do sexo masculino, matriculados no 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública da rede municipal de Fortaleza- CE.

A amostra foi composta de maneira não probabilística intencional, tendo como critérios de inclusão ser aluno de escola pública e estar matriculado regularmente no ensino médio. Como critério de exclusão estar fora da faixa etária estabelecida e não ser matriculado no ensino médio.

4.3 PROCEDIMENTOS

Após a autorização da direção da instituição, bem como a liberação da estrutura física, foram agendados os dias para a intervenção. Foi solicitado aos pais ou responsáveis dos alunos, menores de idade, a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e o preenchimento da ficha de identificação com os dados pessoais.

O programa de intervenção aconteceu no decorrer do segundo semestre do ano letivo de 2015 e foi composto por 10 (dez) aulas (5 de forró e 5 de bachata) de 60 (sessenta) minutos, no período de 2 meses, sendo 2 aulas semanais (segundas e quintas), em horário fixo (12 às 13h), conforme agendamento prévio da escola. As aulas foram ministradas por mim, com o auxílio do professor de Educação Física da escola para a demonstração dos passos.

No decorrer das aulas foi ministrado 8 passos de Forró (base latetal, base universitária, giro simples, giro do cavalheiro, trava “chuveirinho”, trava na cintura e baião a frente) e 7 passos de bachata (base lateral, base frente e trás, giro da dama, giro com trava, giro do cavalheiro, giro da dama com os braços cruzados, adorno do cavalheiro, giro enrolando e caminhando), iniciando sempre com alongamento e aplicando dinâmicas de integração.

4.4 INSTRUMENTOS

A coleta de informações foi realizada em duas etapas. A primeira constituiu-se da aplicação do questionário 1 contendo 3 questões objetivas sobre informações básicas das características gerais dos participantes e 6 questões objetivas sobre o conhecimento e vivências em relação à dança. Durante este processo foi feito um diário de campo para registrar os acontecimentos de cada aula e após a execução destas, foi aplicado o questionário 2, composto por 8 questões sobre o conteúdo desenvolvido nas aulas, participação, aprendizado, dificuldades e benefícios.

4.5 ANÁLISE DE DADOS

Foi realizada análise quantitativa, utilizando o software Excel portátil *version* 2010, recursos de gráficos e tabelas, e qualitativa referente aos questionários e observações obtidas, onde as respostas foram tabuladas, categorizadas e submetidas a tratamento estatístico descritivo.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro dia de aula (17/08/15), após a minha apresentação e explicação sobre o projeto, foi aplicado o questionário 1 para 25 alunos, contendo 3 questões objetivas sobre características gerais dos participantes (nome, sexo e idade) e 6 questões objetivas sobre o conhecimento e vivências em relação à dança.

Tabela 01 - Sexo dos Alunos

Sexo	%	
Masculino	10	40
Feminino	15	60
Total	25	100

De acordo com a tabela 01 dos alunos que responderam o primeiro questionário 15 eram do sexo feminino e 10 do sexo masculino.

Neste primeiro encontro houve uma boa quantidade de meninos e meninas. Muitos deles foram atraídos pelo ritmo forró, perguntando-me se nas aulas aprenderiam o “forró estourado” (forró eletrônico). Isto pode ser relacionado a cultura que estes adolescentes estão inseridos, influenciados pelas músicas que a mídia tem divulgado. Respondi aos alunos que iria ministrar aulas de forró pé de serra, mas que traria uma aula de forró eletrônico.

Além disso, todos estavam interessados em saber o que era bachata. Expliquei um pouco sobre a sua história, mostrei algumas músicas e eles acharam diferente e divertido. Fiquei muito feliz com a recepção e aceitação dos alunos nesta primeira aula.

Tabela 02 - Idade dos Alunos

Idade		%
14 anos	1	4
15 anos	7	28
16 anos	6	24
17 anos	4	16
18 anos	3	12
19 anos	4	16
Total	25	100

A tabela 02 refere-se à idade dos participantes. A faixa etária foi de 14 a 19 anos, sendo a maioria de 15 anos. Como Coll, Marchesi e Palacios (2004) citaram, esta fase caracterizada como a adolescência traz mudanças corporais e cognitivas, além de experimentações sociais com a família, amigos e escola, tendo importância sobre a autoimagem desses jovens. A dança de salão é outro contexto que levará o adolescente a vivenciar novas situações e pode influenciar na formação de sua identidade.

Tabela 03 - Prática de dança

Prática de dança		%
Não	16	64
Sim	9	36
Total	25	100

Na tabela 03 observa-se que 16 alunos que responderam o questionário não praticaram nenhum estilo de dança e 9 alunos já haviam praticado dança. Os que já

praticaram assinalaram qual ou quais estilos de dança já praticaram, como mostra a tabela 04.

Tabela 04 - Qual estilo de dança

Qual estilo de dança		%
Ballet	1	11,1
Ballet/ Danças Folclóricas	1	11,1
Ballet/ Jazz/ Hip-hop	2	22,2
Danças Folclóricas/ Outros	1	11,1
Hip-hop/ Outros	1	11,1
Outros	3	33,4
Total	9	100

O Ballet foi o estilo mais praticado seguindo do hip-hop, jazz e danças folclóricas. Outros apontaram o funk, stilleto e o reggae.

Tabela 05 - Dança em momentos de lazer

Dança em momentos de lazer		%
Não	13	52
Sim	12	48
Total	25	100

Na tabela 05, nota-se que 13 dos alunos não dançam em momentos de lazer e 12 dançam em momentos de lazer. Já na tabela 06 observa-se a frequência em que eles dançam, onde 8 alunos dançam “as vezes” em festas seguido de 7 alunos que dançam “sempre”.

Tabela 06 - Dança em festas

Dança em festas		%
Às vezes	8	32
Nunca	5	20
Raro	1	4
Quase sempre	4	16
Sempre	7	28
Total	25	100

Porém, a tabela 06 e 07 mostram-se contraditórias a tabela 03, pois alguns alunos marcaram que não praticaram dança e depois respondem afirmativamente que dançam em momentos de lazer e festas. Acredito que isto se deve a falha no instrumento de pesquisa e a falta de atenção dos alunos ao responderem o questionário.

Tabela 07 - Conhece a Dança de Salão

Conhece Dança de Salão		%
Não	7	28
Sim	18	72
Total	25	100

No gráfico 07 nota-se que 18 alunos conhecem a dança de salão, e apenas 7 alunos não a conhecem. Em seguida, eles marcaram quais ritmos da dança de salão conheciam, mostrado na tabela 08.

Tabela 08 - Quais ritmos de salão conhece

Quais ritmos de salão conhece		(%)
Forró	5	(23)
Forró/ Samba	5	(23)
Forró/ Samba/ Outros	1	(4)
Forró/ Samba/ Salsa	1	(4)
Forró/ Samba/ Salsa/ Bachata	1	(4)
Forró/ Samba/ Salsa/ Tango	2	(9)
Forró/ Samba/ Tango	3	(13)
Forró/ Samba/ Tango/ Bolero	1	(4)
Forró/ Samba/ Tango/ Zouk	1	(4)
Forró/ Samba/ Tango/ Zouk/ Bolero/ West C.Swing	1	(4)
Forró/ Tango	1	(4)
Forró/Samba/ Tango	1	(4)
Total	23	(100)

Fica evidente que a maioria conhece o forró, em seguida o samba e depois o tango. Por fim, foi avaliado se eles já praticaram algum estilo de dança de salão, resultado na tabela 09, onde somente 2 alunos já praticaram dança de salão nos estilos samba de gafieira e forró.

Tabela 09 - Já praticou algum estilo de dança de salão

Já praticou algum estilo de dança de salão	%	
Não	23	92
Sim	2	8
Total	25	100

Após esse diagnóstico inicial a partir do questionário 1 foram ministradas 5 aulas de forró e 5 aulas de bachata e durante este processo foi feito um diário de campo para registrar os acontecimentos de cada dia.

Ao iniciar as aulas percebeu-se que os alunos demonstraram um contentamento pela dança de salão, um interesse em aprender os dois ritmos e a formação de pares com o sexo oposto aconteceu de forma natural. Alguns tinham preferência em juntar-se com alguém conhecido, colegas e namorado (a), mas eu sempre pedia que trocassem os pares para que todos dançassem entre si. Algumas meninas ficavam de fora esperando sua vez de praticar o exercício ou dançar, pois haviam menos cavalheiros e mais damas e duas delas tiveram a atitude de dançar juntas, uma como dama e a outra como cavalheiro.

Verifica-se a utilização do toque na dança de salão como forma de comunicação e condução, mas sem conotação afetiva e sexual, tendo o professor como exemplo para os alunos. É necessário a troca de parceiros nas aulas e nos demais ambientes onde se dança, porém isto não é um instrumento facilitador de relacionamentos afetivos simultâneos, havendo diferenças entre as funções de cavalheiro (quem conduz), dama (que permite ser conduzida) e namorado/namorada como remete Zamoner (2005).

Vale ressaltar que três professores da escola participaram ativamente nas aulas e ajudaram bastante pois dançavam com as alunas e aumentaram o número de cavalheiros. Conversei com eles e os mesmo nunca tiveram aula de dança de salão para aprender a técnica, dançavam esporadicamente em festas e acabavam errando nas movimentações e assim perceberam a importância e comparecer nas aulas. O professor de Educação Física da escola me auxiliou nas primeiras aulas, demonstrando os passos comigo e fazendo o registro fotográfico.

Nas duas primeiras aulas foram notórias a boa participação e a compreensão dos passos, sendo que só alguns estavam com dificuldade em entrar no ritmo. Sempre separava de um lado as damas e do outro os cavalheiros, explicando lentamente o passo que cada um fazia sem música e depois com música, para depois juntarmos em casais. Busquei ensinar os passos de forma descontraída, trabalhando a técnica de uma forma divertida, fazendo eles rirem e associando a movimentações do dia a dia.

Comprova-se a partir de Mesquita (2011) que uma metodologia transformadora pautada por assuntos diversificados, utilizando-se da curiosidade, momentos de descontração e diálogo com os alunos proporciona uma aula dinâmica e benéfica em oposição a metodologia tradicional que prioriza a repetição, a imitação, o silêncio e o poder centralizado no professor.

No decorrer das aulas todos transpiravam bastante e comentavam sobre o calor e o cansaço físico. Falei que na dança de salão também suamos, queimamos calorias e cansamos. Isto reforça a fala de Bueno e Rocha (2007) na utilização da dança de salão como recurso no combate ao sedentarismo, pois é uma atividade de baixo impacto e que melhora as capacidades físicas, entre outros benefícios psíquicos e sociais.

Na quarta aula conversei com todos sobre as boas maneiras na dança de salão: como convidar uma dama, como se portar durante a dança e ao fim dela, pedir desculpas se pisar ou bater em alguém, higiene pessoal e deslocamento dos casais no sentido anti-horário do salão, tendo como principal objetivo o respeito entre os praticantes presentes.

Na última aula de forró demonstrei as várias possibilidades de misturar os passos dados e de como entrar e sair deles. Os participantes perceberam o quanto aprenderam e como já é possível dançar forró, pois conseguiram realizar os passos ensinados. No fim da aula coloquei mais duas músicas para eles praticarem livremente e percebi a satisfação em seus rostos. Filmei esse acontecimento e enviei para o nosso grupo do Whatsapp, onde interagimos, coloco avisos, sugestões de músicas e vídeos, lembro os dias das aulas, etc. Como Almeida (2005) abordou no referencial teórico, as aulas proporcionaram benefícios como divertimento e alegria, advindos da socialização e integração entre os indivíduos alcançando prazer por estar dançando, pela pessoa que está dançando junto, pela música ouvida e pelo lugar onde é praticada.

Um dos alunos relatou:

“Agora eu já posso chamar alguma menina para dançar nas festas. ”

Ao escutar isto, uma das meninas disse em seguida:

“Agora eu já posso aceitar o convite de algum menino nas festas. ”

Ao iniciar o módulo de bachata houve um estranhamento. Alguns fizeram cara de assustados, riram, mas depois perceberam que era um ritmo fácil e divertido. Já na primeira aula muitos gostaram das músicas que levei e pediram que eu disponibilizasse no grupo. Acredito que a bachata é um ritmo estratégico para aulas de dança de salão na escola, pela curiosidade, facilidade e interesse dos alunos.

Dois alunos relataram:

“Eu poderia passar o dia todo dançando. A aula já acabou? ”

“Não falto a próxima aula por nada! ”

Na segunda aula levei meu parceiro de dança para me auxiliar. Eu o apresentei para a turma e ele participou ativamente, dançou com as meninas que demonstraram alegria e disseram:

“Eu vou dançar com o professor! ”

“Ele se garante muito! ”

Ao final desta aula, fizemos uma demonstração de forró e bachata. Várias pessoas filmaram e depois que terminamos eles aplaudiram e diversos alunos disseram:

“Quero dançar igual, quero aprender mais! ”

“Não vejo a hora da próxima aula! ”

“Bachata é uma dança suave! ”

“Estou apaixonada por isso! Quero dançar que nem a professora! ”

Na terceira aula compareceram mais meninos do que meninas, algo raro, e em vários momentos dois meninos dançaram juntos, um como cavalheiro e o outro como dama. Eles erravam, riam, acertavam, desistiam, voltavam a se unir, dançavam sozinhos, faziam de tudo para aprender e praticar.

Ao passar das aulas a frequência dos alunos foi diminuindo, porém na penúltima aula só compareceram 7 alunos. Depois desse acontecimento conversei com eles no grupo do *Whatsapp* e pedi que não faltassem no nosso último encontro, pois seria importante. Catorze alunos compareceram e responderam ao questionário 2.

Para o encerramento do projeto fiz um baile de duas horas, tocando forró e bachata. Levei um lanche, entreguei uma carta com chocolate para cada um. Também presenteei com um CD com músicas para os alunos que não tiveram nenhuma falta e sorteei um CD com os outros da turma. Foi um momento agradável, pois consegui conversar, dançar e tirar fotos com todos.

Percebi que fiz a diferença na vida de alguns deles a partir destes momentos, pois continuamos conversando pelo *Whatsapp*, eles expressavam saudades, que queriam dançar e ter mais aulas. Uma das alunas escolheu a bachata para apresentar em seu trabalho no colégio e pediu minha ajuda. Senti-me lisonjeada e feliz.

Após a execução de todas as aulas foi aplicado o questionário 2 a catorze alunos e avaliado suas percepções sobre aulas, participação, aprendizado, dificuldades e benefícios.

Tabela 10: Gostou das aulas de dança de salão

Aprendizagem	Frequência
Muito pouco (1)	0
Pouco (2)	0
Razoável (3)	0
Suficiente (4)	0
Muito (5)	14

Segundo a tabela 10, todos afirmaram que gostaram muito das aulas tendo como pontos em comum nos comentários o aprendizado de um novo ritmo e novos passos de dança, a diversão e a socialização por conhecerem pessoas novas. Confirmando o que Almeida (2005) citou, a prática da dança de salão pode desenvolver a comunicação, as relações interpessoais e as aptidões, relacionadas ou não as tarefas diárias, aumentando o nível geral do entendimento da realidade física e social.

Os gráficos abaixo mostram o grau de aprendizagem que os frequentadores das aulas de dança de salão acharam sobre passos novos, técnica de aprendizagem de passos novos, saber aproximar e lidar com seu par, enfrentamento do medo e/ou vergonha de dançar, criatividade, socialização, lidar com os seus acertos e erros, lidar com os acertos erros do seu par.

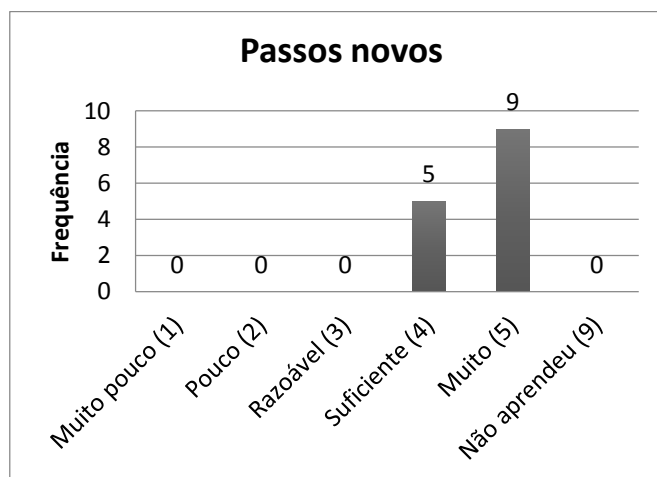


Gráfico 1: Aprendizagem dos passos novos

Todos os participantes afirmaram que aprenderam passos novos, sendo que cinco aprenderam o suficiente e nove aprenderam muito. Ao total foi passado 8 passos de forró e 7 passos de bachata, quantidade, ao meu ver, excelente para o número de aulas. Das técnicas de aprendizagem presente no gráfico 2, nove consideraram que aprenderam muito e dois consideraram suficiente, o restante (três) não aprenderam.

Essa técnica é voltada para um aprendizado significativo, onde professor e aluno dialogam sobre os conteúdos e a forma que será passado, gerando um interesse de ambas as partes em aprender e não só pensando no resultado do movimento e sua estética.

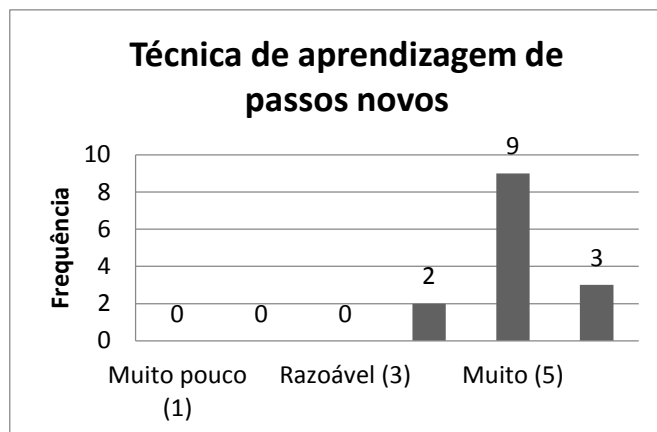


Gráfico 2: Técnica para aprendizagem dos passos novos

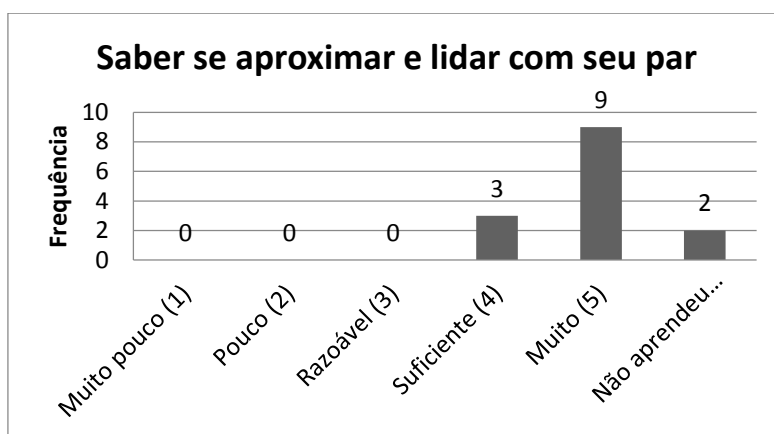


Gráfico 3: Aprendizagem de como se aproximar e lidar com seu par

Dos participantes, nove afirmaram que aprenderam muito a se aproximar e lidar com seu parceiro, três consideraram a aprendizagem o suficiente, dois não aprenderam. Na dança de salão o contato corporal é necessário e cada um desenvolve a sensibilidade de lidar com seus limites e os limites do outro em um processo de respeito e cuidado mútuo, de acordo com Tolocka et col. (2006).

Referente ao enfrentamento do medo e/ou vergonha de dançar, localizado no gráfico 4, seis afirmaram que a aprendizagem foi muito, um desenvolveu muito pouco e cinco não aprenderam. Muitos alunos demonstraram vergonha nas primeiras aulas, mas isso não os impediu de trocar de pares, nem de praticar os ritmos. Este enfrentamento requer tempo, pois aos poucos podem-se desenvolver a confiança no próximo, o estreitamento das relações e a superação de limitações.



Gráfico 4: Aprendizagem no enfrentamento do medo e/ou vergonha de dançar

Do desenvolvimento da criatividade, oito afirmaram que desenvolveram muito e dois disseram que foi o suficiente, um foi razoável e três não aprenderam como mostrado no gráfico 5. Esta criatividade está presente na junção dos passos dados, na musicalidade adquirida e que requer mais tempo para se solidificar, podendo justificar o número de alunos que sentiu dificuldade neste aspecto.

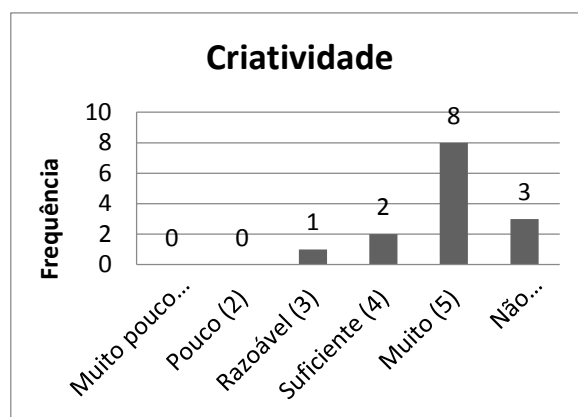


Gráfico 5: aprendizagem na criatividade

Referentes ao desenvolvimento de ser sociável (gráfico 6), seis afirmaram que aprenderam muito, dois disseram que foi o suficiente. Apenas um disse que foi razoável e a mesma quantidade disse que a socialização foi pouca, os outros quatro não aprenderam.

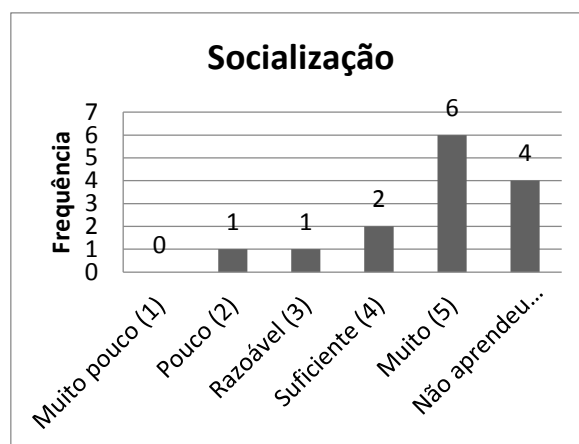


Gráfico 6: Aprendizagem na socialização

Quando questionados sobre lidar com os seus acertos e erros nas aulas de dança de salão, a maioria, nove, disse que teve muito aprendido, três responderam que aprenderam o suficiente e dois não aprenderam (gráfico 7). Compreendendo que a consciência corporal entre mente e corpo necessitam de tempo e prática para aprender e que o erro é algo natural, adaptando-se às habilidades individuais de qualquer pessoa.

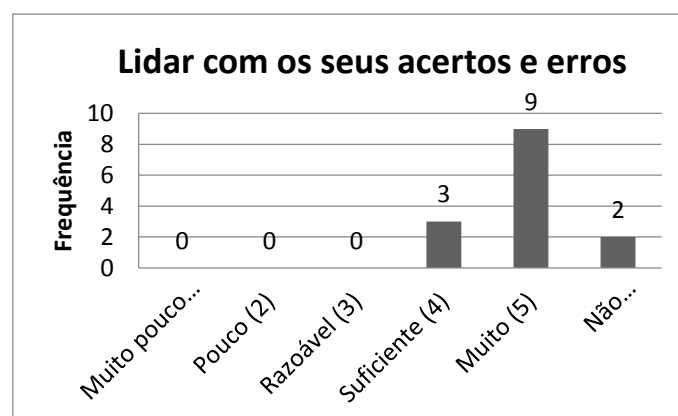


Gráfico 7: Aprendizagem de lidar com os seus acertos e erros

Referente à aprendizagem em lidar com os acertos e erros do seu par, nove dos entrevistados afirmaram que aprenderam muito a lidar. Três informaram que aprenderam o suficiente e quatro não aprenderam (gráfico 8). Lidar com o erro de seu par desenvolve o respeito e a paciência, rompendo preconceitos e interferindo positivamente na integração (TONELI, 2007).

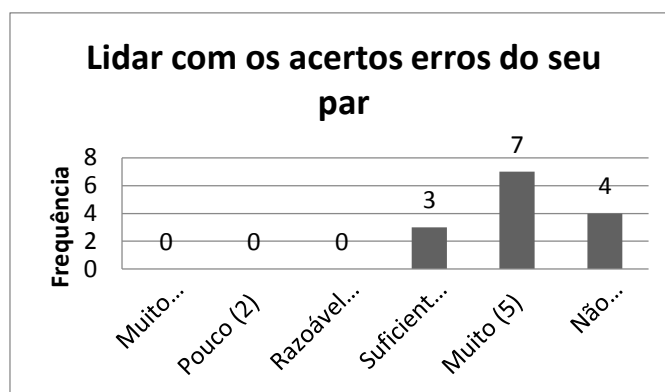


Gráfico 8: Aprendizagem em lidar com os acertos e erros do seu par

Como apresentado nos gráficos a maioria dos alunos demonstrou satisfação no aprendizado das aulas, porém, alguns deixaram de marcar certos itens, sendo classificados estatisticamente como não aprenderam. Entretanto, questiono estas respostas, pois, na prática, nas respostas das outras questões e no diário de campo fica aparente que os alunos demonstraram uma opinião contrária.

Tabela 11: Grau de participação nas aulas de dança de salão

Grau de Participação	Porcentagem
0	0
1	0
2	0
3	7
4	2
5	3
Sem informação (9)	2
TOTAL	14

Referente à participação nas aulas de dança de salão (tabela 12), sete marcaram nível 3, dois nível 4 e três nível 5. Dois não deram informação. Nos comentários, quem assinalou nível 5, foram os que não faltaram nenhuma aula, já os outros justificaram seu nível escolhido declarando que faltaram algumas aulas, houve aulas extras no colégio, compromissos pessoais e as vezes estavam cansados, pois estudavam a tarde e tinham que ficar direto para a aula.

Tabela 12: Nível de dificuldade encontrado no decorrer do conteúdo

Grau de Dificuldade	Porcentagem
0	4
1	4
2	4
3	0
4	2
5	0
Sem informação (9)	0
TOTAL	14

Referente ao grau de dificuldade que foi encontrado no decorrer do curso (tabela 13), dois disseram que seu nível foi 4, relatando que nunca dançaram, tinham dificuldade de aprender e depois lembrar dos passos. A maioria, doze alunos, afirmou que esse nível era menor que 3, ou seja, não encontrou muita dificuldade e seis alunos comentaram que aprenderam rápido o conteúdo dado.

Os gráficos abaixo mostram o resultado referente aos benefícios alcançados pelos participantes.

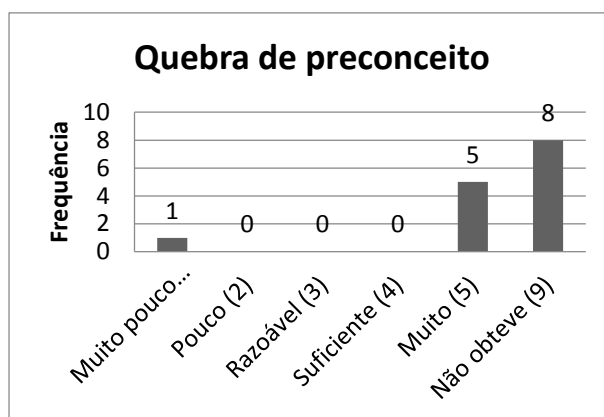


Gráfico 9: Benefício sob a quebra de preconceito

Sob a diminuição do preconceito a maioria, oito, disse que não atingiram esse objetivo. Esses alunos podem ter entrado nas aulas sem nenhum preconceito em relação a dança de salão. Cinco admitiram que quebraram muito o preconceito e apenas um disse que foi muito pouco.

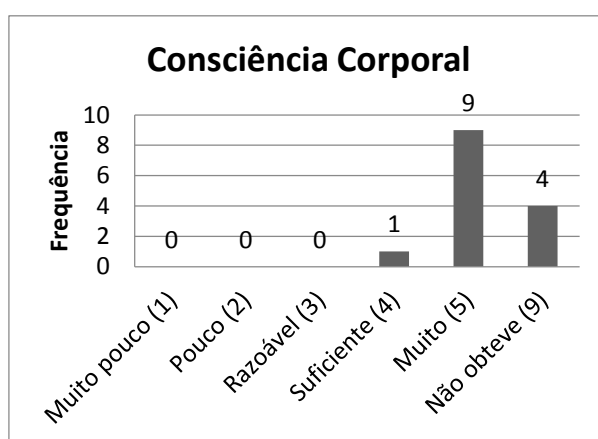


Gráfico 10: Benefício sob a consciência corporal

Referente à consciência corporal (gráfico 10), a maioria, nove, admitiu que adquiriu muita consciência corporal e um disse que foi o suficiente. Quatro não adquiriram esse benefício. Em vários comentários os alunos relataram que estavam aprendendo as movimentações com êxito, tendo consciência do que suas pernas e braços estavam fazendo na realização dos passos e minhas observações confirmaram o mesmo.

Quando questionados sobre coordenação motora (gráfico 11), seis disseram que a coordenação motora foi maior (muito), dois afirmaram que foi o suficiente e a mesma quantidade para quem achou razoável. Três não tiveram esse benefício.

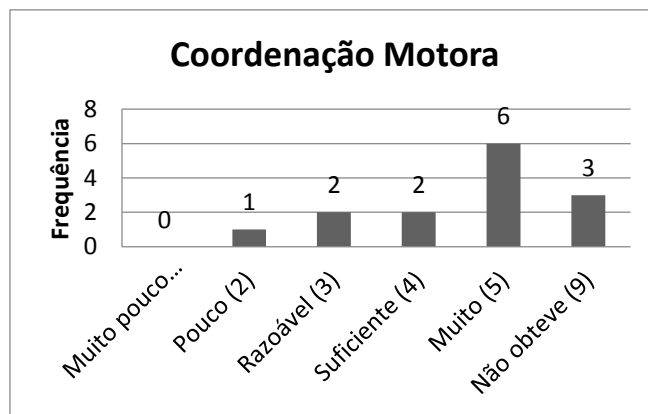


Gráfico 11: Benefícios sob coordenação motora

O benefício associado à autoestima (gráfico 12) para a maioria foi alto correspondendo a oito pessoas. Para os que disseram que foi suficiente, razoável e pouco correspondeu a uma pessoa para cada um dos alunos que responderam o questionário. Três afirmaram que não adquiriram esse benefício. A autoestima, ao meu ver, pode estar relacionada a confiança em suas ações na dança e nas relações interpessoais, estando pronto para enfrentar desafios e valorizando o seu ser.

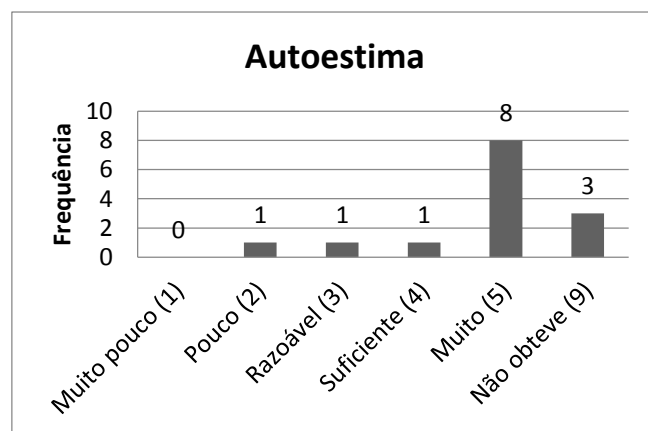


Gráfico 12: Benefício sob a autoestima

No requisito de ter adquirido expressão corporal (gráfico 13) a maioria afirmou que não teve esse benefício (seis pessoas), cinco disseram que tiveram um grande benefício, dois assinalaram que foi o suficiente e apenas um disse que foi razoável.

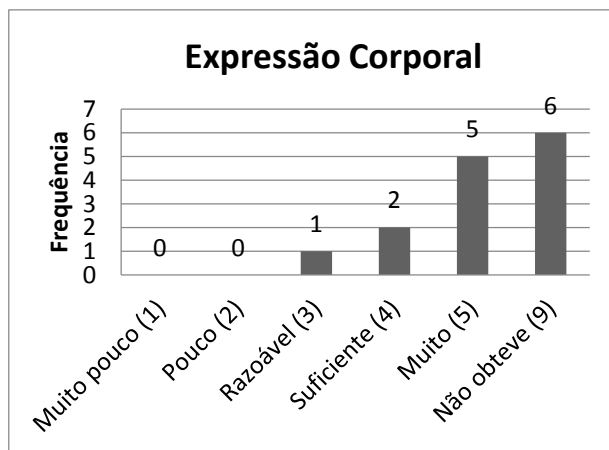


Gráfico 13: Benefício sob a Expressão Corporal

Oito participantes afirmaram que não tiveram benefícios referentes à integração social, quatro acharam que tiveram um alto nível e apenas dois disseram que foi o suficiente, como mostra o gráfico 14. Esse gráfico expressa o contrário em relação às ações que presenciei e às respostas dos alunos. Os alunos já poderiam ter uma boa integração, outros afirmaram que conheceram novas pessoas, além de momentos de conversa coletiva e das trocas entre os pares.

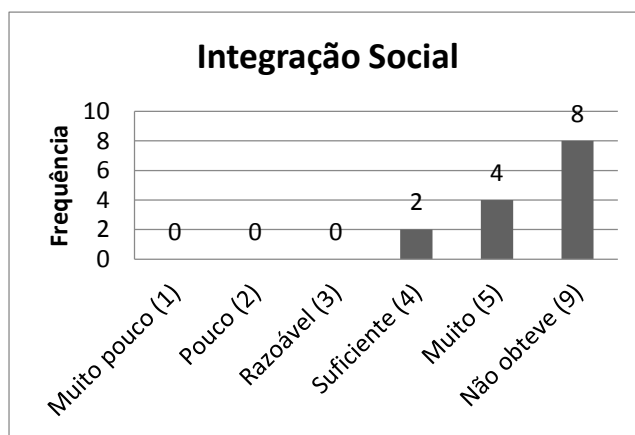


Gráfico 14: Benefício sob integração Social

Com relação ao divertimento (gráfico 15), a maioria, treze, disse que teve grande benefício e apenas um achou que não teve.

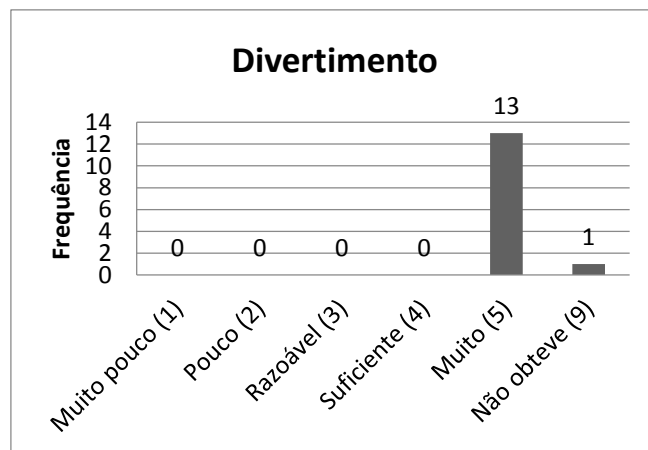


Gráfico 15: Benefício no divertimento

Os alunos que responderam o questionário afirmaram que o benefício associado à atividade física foram altos, nove pessoas, um disse que foi suficiente e quatro não obtiveram benefício.

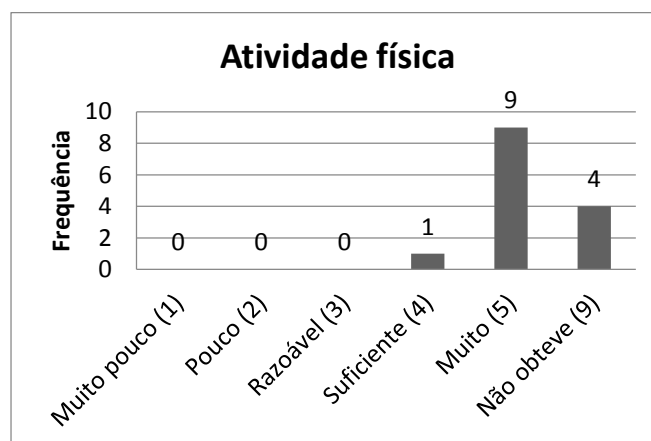


Gráfico 16: Benefício sob Atividade física

Na análise dos gráficos da questão 5 nota-se novamente que alguns participantes deixaram de marcar certos itens, sendo categorizados como não aprenderam. No entanto, além de assinalarem os itens e avaliar o grau de benefícios, pedi que eles comentassem sua resposta e nelas surgiram opiniões contrárias às dos gráficos como: “Achei as aulas divertidas”, “aprendi coisas novas”, “interagi com outras pessoas e fiz novas amizades”, “ajudou a desenvolver muitas coisas em mim como a coordenação motora”, “tirou meu sedentarismo”, “me fez bem”.

Esses comentários expressaram, ao meu ver, dúvidas dos alunos ao responderem o questionário, contradizendo suas próprias respostas. Suponho que houve uma falha

minha na confecção do instrumento de pesquisa ou na sua aplicação junto aos participantes.

Na questão 6 questionou-se como os estudantes se sentiram ao dançar com o colega do sexo oposto. Entre as respostas em comum estavam: felicidade, divertimento, vergonha no início e alegria em conhecer pessoas novas. Três alunas tiveram respostas pontuais, onde disseram respectivamente que achou bom dançar com alguém do mesmo colégio, sentiu-se à vontade e encontrou na dança uma forma de lidar com suas emoções.

Tabela 13: Interesse em praticar dança após as aulas

Interesse em praticar dança	Porcentagem
Sim	13
Não	1
TOTAL	14

Ao serem questionados se gostariam de praticar dança após as aulas ministradas (tabela 15), treze afirmaram que tinha interesse e apenas um respondeu que não. Em seus comentários responderam de forma semelhante: “É prazeroso e divertido”, “amo dançar”. Outros falaram que foi uma experiência interessante, adorou os ritmos, quer aprender mais passos e se sentiu melhor quando dançou. O único aluno que respondeu não justificou que tem preguiça de dançar.

Ensinar nas escolas a dança	Porcentagem
Sim	14
Não	0
TOTAL	14

Tabela 14: Ensino da dança de salão dentro das escolas

A última pergunta questionava se a dança de salão deve ser ensinada nas escolas (tabela 16). Todos afirmaram que sim, seguindo dos seguintes comentários e justificativas:

“Aprender coisas novas é sempre bom, inclusive a dança, já que não é tão praticada nas escolas”,

“Eu gostei dessa experiência e gostaria que todos também a tivessem”,

“Para os alunos se divertirem e praticarem mais atividade física”,

“Porque é também uma forma de ensinar as pessoas a se socializarem com as outras “,

“Para ocupar o tempo, fazer algum exercício e perder a vergonha”,

“Seria uma forma de quebrar preconceitos”.

CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou analisar a dança de salão como conteúdo possível e importante nas aulas de educação física escolar. A partir dos resultados, percebeu-se que vários alunos tiveram pouco contato com a dança em geral e que mesmo assim houve um interesse e envolvimento destes nas aulas de dança de salão.

Este estilo de dança se configurou como uma atividade relevante, pois ajuda a desenvolver a socialização dos alunos. Através desse estudo e da bibliografia analisada, verificou-se que a dança de salão favorece aos jovens no reconhecimento do próprio corpo e o do próximo, auxiliando na formação de sua identidade.

Foi possível identificar, através das opiniões dos alunos, benefícios que podem contribuir para a formação de um ser mais sensível e sociável, além de melhorar suas capacidades físicas. A dança de salão também é capaz de elevar a autoestima, desenvolver a disciplina e o respeito.

A partir dos resultados desta pesquisa, podemos reforçar que o profissional de Educação Física pode e/ou deve inserir a dança de salão em suas aulas, cabendo a ele propor metodologias que sejam agradáveis e que oportunizem o desenvolvimento dos alunos através de novas vivências na área da dança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cleuza M. Um olhar sobre a prática da dança de salão. Espírito Santo de Pinhal, São Paulo. **Revista Ver Movimento & Percepção**. v.5, n.6, jan./jun., 2005.

AQUINO, J.G. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. Summus, São Paulo, 1997.

BARBIAN, Marciane Maria. **Corpos que se educam através do movimento na dança de salão da Educação Integral**. Curso de Especialização em Educação Integral Integrada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação, Rio Grande do Sul, 2013. [Orientadora: Andrade, Sandra dos Santos]. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/88121?locale=pt_BR>. Acessado em: 22 mai. 2015.

BARBOSA, Giselle Fernandes. **Dança de salão como prática educativa na aula de educação física: o ensino médio no contexto**. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 48p. UFMG, 2010. [Orientadora: Prof^a Ms. Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz]. Disponível em: <<http://www.eeffto.ufmg.br/biblioteca/1801.pdf>>. Acessado em: 22 mai. 2015.

BERTONI, Luci Mara. Arte, indústria cultural e educação. **Cadernos Cedes**, ano XXI, n. 54, agosto, 2001.

BAPTISTA, Marisa Todescan Dias da Silva; NOGUCHI, Natália Felix de Carvalho; CALIL Simone Dalla Barba Walckoff. Pesquisa Interventiva na Psicologia: análise de três experiências. **Rev. Eletrônica internacional de la union latino-americana de entidades de psicologia**. v.1, n.7. Agosto, 2006. Disponível em: <<http://psicolatina.org/Siete/pesquisa.html>>. Acessado em 28 mai. 2015.

BONATTO, Isamara. **O Ensino da dança de salão nas aulas de Educação Física: uma experiência de Pesquisa-Ação**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Educação Física, Departamento de Humanidades e Educação (DHE) da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUÍ. Ijuí (RS), 2013. [Orientador: Prof^o Dr. Fernando Jaime González]. Disponível em: <

<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1351/isamaratcc.pdf?sequence=1>>. Acessado em 22 mai. 2015.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): Educação Física**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. Secretaria de Educação Fundamental. 2ªed. DP & A, Rio de Janeiro, 2001.

BRASILEIRO, Livia Tenório. O Conteúdo “Dança” em aulas de Educação Física: temos que ensinar? **Revista Pensar a Prática**. nº 6, p. 45-58. Jul./Jun, 2003.

BUENO, Marine Vasconcelos; ROCHA, Daniele Nunes Fonseca. **Dança de salão: multiplicidade de objetivos e contextos**. In.: Coletânea do Seminário Nacional de Dança Contemporânea da EEEFFTO/UFMG. Belo Horizonte, 2007.

CARVALHO, A.; PINTO, M. V. **Ser ou não ser: quem são os adolescentes?** In: CARVALHO, A., SALLES, F. e GUIMARÃES, M. (orgs.). Adolescência, Belo Horizonte/MG: Editora da UFMG, 2003, p.11-29.

COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CZERESNIA, Dina. The concept of health and the difference between prevention and promotion. **Cadernos de Saúde Pública**. n.15, v.4, out-dez, 1999, p.701-709.

DEBORTOLI, José Alfredo O. **Adolescência(s)**. In: CARVALHO, A. M. GUIMARÃES, M. ; SALLES, F. Belo Horizonte: Ed. UFMG: Proex, 2002. 122p. (Infância e adolescência)

DOMICIANO, A. N. S.; MARCELLI, F. P. R. A inclusão da dança de salão nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental II. **Revista Interfaces: ensino, pesquisa e extensão**. v.1, n.1, 2009.

DORNELLES, Priscila Gomes. “Apoios ou Agachamentos?”. A normalização do gênero na Educação Física escolar. **36ª Reunião Nacional da ANPEd**, Goiânia-GO, 29 set. a 02 out. 2013. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt23_trabalhos_pdfs/gt23_2889_texto.pdf. Acessado em: 25 mai. 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 604.

FERREIRA, Jéssica Vieira. **A dança de salão como conteúdo nas aulas de Educação Física: o ensino fundamentado na pedagogia histórico-crítica**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Estudos do Movimento Humano da Universidade Estadual de Londrina, 2012. [Orientador: Prof. Dr.Orlando Mendes Fogaça Junior]. Disponível em: <http://www.uel.br/cef/demh/graduacao/arquivosdownload/TCCs_em_PDF_2012/Jessica_Ferreira_LEF100_2012.pdf>. Acessado em: 25 mai. 2015.

FRIEDLANDER, Liz. **Vem Dançar**. PlayArte, 2006.

FRIEDRICH, Júlio César; MENDES, Evandra Hein. **A dança de salão nas Aulas de Educação Física**. PDE, Paraná, 2009.

GASPARI, T. C. Dança In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. **A. Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 293 p.: (Educação física no ensino superior).

GONZAGA, L. **Técnicas de dança de salão**. Sprint. São Paulo, 1996.

GONÇALVEZ, N. L. G. **Metodologia do ensino da educação física**. Curitiba: Ibpes, 2006.

HALL, E. T. **A dimensão oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1ªed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 594.

JESUS, C. **Vem Dançar Comigo**. Editora Gente. São Paulo, 2005.

KNAPP, M. L.; HALL, J. **A comunicação não verbal na interação humana**. São Paulo: JSN, 1999.

LABAN, Rudolf. **Dança Educativa Moderna** (tradução: Maria da Conceição Parayba Campos). São Paulo: Ícone, 1990.

MARQUES, I. A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARQUES, Isabel. **A. Dançando na escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 206 p.

MESQUITA, R. **Dança de Salão na Adolescência: uma abordagem sem crises**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.dancadesalao.com/agenda/rachel-adolescente.php>. Acessado em 25 de maio de 2015.

MESQUITA, Rachel. (Alguns) Aspectos metodológicos para aulas de dança de salão: uma necessidade emergencial. In: PERNA, Marco Antonio (Org.). 200 anos de dança de salão no Brasil. Rio de Janeiro: **Amaragão Edições e Periódicos**. v.1, n.1, , 2011 p. 107-118.

MEYER, Dagmar E. E.; FÉLIX, Jeane. **Currículo e diferença: formação de professoras (es), sexualidade e prevenção de HIV/aids**. In: SANTOS, Lucíola L. C. P.; FAVACHO, André M. P. (Orgs). Políticas e práticas curriculares: desafios contemporâneos. Curitiba: CRV, 2012, p. 251-266.

MONTAGU, A. **Tocar: o significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1988.

MORENO, L. **Dois na dança. Conheça a mais completa de todas as artes**. s/ editora. São Paulo, 2004.

NANNI, D. **Dança-educação: pré-escola à universidade**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

OLIVEIRA, M. E. **A Dança na Educação Física Escolar: uma necessidade de formação**. Dissertação (Mestre em Ciências da Educação, na especialidade de Supervisão Pedagógica) – Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa 2007, 158 f.

PAULI, Liane T. Schuh; PEREIRA, Luciana Cristina; KOEPP, Janine. Conhecendo o perfil dos adolescentes que participam de dinâmicas de grupos como forma de conhecer a sexualidade. **Boletim da Saúde**, v.17, n.1, 2003.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PEASE, A.; PEASE, B. **Desvendando os segredos da linguagem corporal**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

PEREIRA, M. L. N. Autoestima: un factor relevante en la vida de la persona y tema esencial del proceso educativo. **Revista Electrónica “Actualidades Investigativas en Educación”**, v. 7, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.latindex.ucr.ac.cr/aie-2007-3/10-autoestima.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

PERNA, Marco. A. **Samba de Gafieira: a história da dança de salão brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: O Autor, 2001. 212 p.

PERNAMBUCO, Secretaria de Educação de. **Orientações Teórico- Metodológicas: Educação Física. Ensino Fundamental e Médio**. 2008. 64p.

RIED, B. **Fundamentos da Dança de Salão**. Londrina, 1ª edição, 2003.

RODRIGUES, Roneis. **Ritmo bachata**. Espaço dança. Belo Horizonte, Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.espacodanca.com/bachata/>>. Acessado em 28 mai. 2015.

SBORQUIA, Silvia Pavesi; GALLARDO, Jorge Sérgio Pérez. As danças na mídia e as danças na escola. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 105-118, jan. 2002.

SECRETARIA ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE. Coordenadoria de Educação Ambiental. Fantoches e outras histórias. **Um projeto de arte e educação ambiental**. São Paulo, 1994.

SILVA, Wilney Fernando; ALVES Darjane Silva; RIBEIRO, Gersiane Franciere Freitas. A dança nas escolas da rede estadual de ensino fundamental na cidade de Porteirinha/MG: análise da sua aplicabilidade e metodologias. **Educação Física em Revista** ISSN: 1983-6643. v. 1.4. nº2 mai/jun/jul/ago – 2010. X'

SOUZA, Sueli Celeide de. **Break: Uma Cultura Corporal. A atuação da Educação Física escolar dentro da prática corporal e ideológica do Break**. Escola de Implementação: Colégio Estadual Dom Pedro I. Londrina, 2011. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_uel_edfis_pdp_sueli_celeide_de_souza.pdf>. Acessado em: 25 de maio de 2015.

SOUSA, Nilza Coqueiro Pires de; CARAMASCHI, Sandro. Contato corporal entre adolescentes através da dança de salão na escola. **Rev. Motriz**, Rio Claro, v.17 n.4, p.618-629, out./dez. 2011.

STEINER, R. **A arte da educação II**. Metodologia e didática do ensino Waldorf. Antroposófica. São Paulo, 1992.

STRAZZACAPPA, M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cad. CEDES**. v.21 n.53 Campinas Abril. 2001.

TOLOCKA, Rute Estanislava; VERLENGIA, Rozangela (Orgs). **Dança e Diversidade Humana**. Campinas, SP: Papyrus,2006.

TONELI, Poliana D. **Dança de salão: instrumento para a qualidade de vida no trabalho**. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA/FEMA. Fundação Educacional do Município de Assis, 2007.81 f. [Orientador: Prof.º Ms. Maria Beatriz Alonso do Nascimento]. Disponível em:

<http://www.dancadesalao.com/agenda/DS_InstrumentoparaaQualidadedeVidanoTrabalho.pdf>. Acessado em 25 de maio de 2015.

TORTOLA, Eliane R.; LARA, Larissa M., A dança de salão no contexto escolar: aspectos da pluralidade cultural. **Revista Digital**, Buenos Aires. v.14, n.33, junho de 2009.

VERDERI, Érica Beatriz L.P. **Dança na escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998. p 12 e 119.

VICENTE, O. **Enciclopédia Didática de Informações e Pesquisa Educacional**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1986.

VOLP, Catia Mary. **Vivenciado a dança de salão na escola**. Tese de doutorado em psicologia escolar. Universidade de São Paulo, 1994. [Orientadora: Edda Bomtempo]. Disponível em: <http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=2&id=719&listaDetalhes%5B%5D=719&processar=Processar>. Acessado em: 25 de maio de 2015.

VOLP, Catia Mary. A Dança de Salão como um dos conteúdos de dança na escola. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 215-220, jan. /mar. 2010.

ZAMONER, Maristela. **Dança de salão. A caminho da licenciatura**. Editora Zamoner Ltda. Curitiba: Prottexto, 2005.

ANEXO 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa “Dança de Salão na Educação Física: Percepção dos Alunos do Ensino Médio”.

Pesquisadora: Jéssica de Almeida Batista.

Orientador: Prof. Ms. Marcos Antônio Almeida Campos.

Eu,

_____,
 portador do RG nº _____ concordo com a participação do
 menor _____

na pesquisa intitulada “Dança de Salão na Educação Física: percepção dos alunos do ensino médio” realizada pela pesquisadora Jéssica de Almeida Batista com a finalidade de compor o trabalho de conclusão de curso (TCC) do curso de Educação Física – Licenciatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Declaro que fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

A pesquisa tem por objetivo identificar a experiência dos alunos na dança e a sua percepção sobre as aulas de dança de salão na escola, relacionando-as à compreensão, aceitação, participação, benefícios e sentimentos obtidos com a sua prática. A forma de participação consiste de presença nas aulas práticas de dança de salão e do preenchimento de dois questionários: um antes do início das aulas e outro depois do término das aulas.

O nome do aluno (a) não será utilizado em nenhuma fase da pesquisa garantindo assim o anonimato do participante. A divulgação dos resultados será feita de forma a preservar a identidade dos voluntários. Não será cobrado nenhum valor pela participação na pesquisa, não haverão gastos e não estão previstos ressarcimentos ou indenizações. Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta pesquisa o risco pode ser avaliado como mínimo.

A pesquisadora deixa claro que a participação é voluntária e que qualquer participante poderá deixar de participar ou retirar o consentimento, ou ainda descontinuar a participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo de qualquer natureza.

O presente termo deverá ser assinado em duas vias, uma para a pesquisadora e uma para o responsável. A pesquisadora agradece a atenção e a participação colocando-se a disposição para mais informações e esclarecimentos sobre a pesquisa pelo contato pessoal através do seguinte telefone: (85) 99935-4557.

Fortaleza, ____ de _____ 2015.

Assinatura do responsável

ANEXO 2

QUESTIONÁRIOS

QUESTIONÁRIO 1

1- Nome: _____

2-Sexo: ()Feminino ()Masculino

3-Idade: _____ anos.

4-Você já praticou algum estilo de dança? ()Sim ()Não

-Se sim, qual/quais? ()Ballet ()Jazz ()Hip-hop ()Sapateado ()Danças Folclóricas

() Dança de Salão () Outros. Quais? _____

5-Você pratica dança em momentos de lazer? ()Sim () não

6-Você costuma dançar em festas: ()nunca ()raro ()as vezes ()quase sempre ()sempre

7-Você conhece a Dança de Salão? ()Sim ()Não

8-Quais os ritmos da Dança de Salão você conhece? ()Forró ()Samba ()Salsa ()Tango
()Zouk ()Bolero ()Bachata ()West Coast Swing () Outros. Quais? _____

9-Você já praticou algum estilo da Dança de Salão? ()sim () não

- Se sim, qual/quais? _____

QUESTIONÁRIO 2

1-Nome: _____

2-Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa gostei pouco e 5 gostei muito, você gostou das aulas de Dança de Salão desenvolvidas?

()1 ()2 ()3 ()4 ()5

Comente sua resposta:

3-Assinale com um X os itens que você acha que aprendeu nas aulas de Dança de Salão. Depois, dentre os itens assinalados, avalie o grau de aprendizado de 1 a 5, onde 5 significa que você aprendeu muito e 1 significa que você aprendeu muito pouco.

- () Passos novos ()
- () Técnicas para aprendizagem dos passos novos ()
- () Saber aproximar e lidar com seu par ()
- () Enfrentamento do medo e/ou vergonha de dançar ()
- () Criatividade ()
- () Socialização ()
- () Lidar com os seus acertos e erros ()
- () Lidar com os acertos erros do seu par ()

Se achar necessário, cite e comente outros aprendizados

4-Avalie de 0 a 5 a sua participação nas aulas de Danças de salão. ()
Justifique sua resposta.

5-Avalie de 0 a 5 o nível de dificuldade que você encontrou no decorrer do conteúdo. ()

Comente sua resposta

6- Assinale com um X quais os benefícios que a Dança de Salão proporcionou a você. Depois, dentre os itens assinalados, avalie o grau de 1 a 5, onde 5 significa muito e 1 significa muito pouco.

- () Quebra de Preconceitos ()
- () Consciência Corporal ()
- () Coordenação Motora ()
- () Autoestima ()

() Expressão Corporal ()

() Integração Social ()

() Divertimento ()

() Atividade Física ()

() outros _____

Comente sua resposta:

7-Como você se sentiu quando teve que dançar com o colega?

8- Você tem interesse em praticar a dança após estas aulas? ()sim ()não

Comente sua resposta:

9-Na sua opinião, a Dança de Salão deve ser ensinada dentro das escolas?

()sim ()não

Comente sua resposta:

ANEXO 3**PLANOS DE AULA****UNIDADE DIDÁTICA DE DANÇA DE SALÃO – RITMOS FORRÓ PÉ DE SERRA E BACHATA****AULA 1 –Forró**

- MATERIAL (IS): Som, espaço para prática de dança, canetas
- DURAÇÃO: 60 minutos
- DESENVOLVIMENTO DA AULA:
 - PARTE INICIAL: Apresentação; Explicação das aulas; Aplicação do questionário 1; Dinâmica para conhecer os nomes; História do Forró e da Bachata.
 - PARTE PRINCIPAL: Alongamento; Aquecimento com a marcação no tempo rítmico do forró 1, 2, 3; Passo básico – base lateral, O abraço na dança de salão.
 - PARTE FINAL: Deslocamento pelo espaço.

AULA 2 - Forró

- MATERIAL (IS): Som, espaço para prática de dança
- DURAÇÃO: 60 minutos
- DESENVOLVIMENTO DA AULA:
 - PARTE INICIAL: Alongamento e Retomada dos passos da aula anterior (aquecimento);
 - PARTE PRINCIPAL: Base universitária com transição para a base lateral; Base lateral e universitária em casal; base lateral do forró eletrônico; passo baião a frente do forró eletrônico.
 - PARTE FINAL: Dinâmica do anjo da guarda.

AULA 3 - Forró

- MATERIAL (IS): Som, espaço para prática de dança
- DURAÇÃO: 60 minutos
- DESENVOLVIMENTO DA AULA:
 - PARTE INICIAL: Alongamento e retomada os passos da aula anterior (aquecimento e revisão)
 - PARTE PRINCIPAL: Giro simples;
 - PARTE FINAL: Treino livre

AULA 4 - Forró

- MATERIAL (IS): Som, espaço para prática de dança
- DURAÇÃO: 60 minutos
- DESENVOLVIMENTO DA AULA:
 - PARTE INICIAL: Alongamento, aquecimento com troca de bases e revisão do giro simples;
 - PARTE PRINCIPAL: Giro com trava; Ensino das boas maneiras na dança de salão;
 - PARTE FINAL: Treino livre

AULA 5 - Forró

- MATERIAL (IS): Som, espaço para prática de dança
- DURAÇÃO: 60 minutos
- DESENVOLVIMENTO DA AULA:
 - PARTE INICIAL: Alongamento e aquecimento com dança livre

- PARTE PRINCIPAL: Dinâmica “palma, palma, coxa, pé”; travas “chuveirinho”, trava na cintura e giro do cavalheiro
- PARTE FINAL: Prática com todos os passos.

AULA 6 - Bachata

- MATERIAL (IS): Som, espaço para prática de dança
- DURAÇÃO: 60 minutos
- DESENVOLVIMENTO DA AULA:
 - PARTE INICIAL: Alongamento e aquecimento
 - PARTE PRINCIPAL: Base lateral, base frente e trás (4 tempos), espelhado e em casal; dinâmica do aperto de mão.
 - PARTE FINAL: Treino livre

AULA 7 - Bachata

- MATERIAL (IS): Som, espaço para prática de dança.
- DURAÇÃO: 60 minutos
- DESENVOLVIMENTO DA AULA:
 - PARTE INICIAL: alongamento e aquecimento, revisão das bases
 - PARTE PRINCIPAL: Roda de conversa sobre os Benefícios da Dança de salão; giro da dama e giro com trava.
 - PARTE FINAL: treino

AULA 8 - Bachata

- MATERIAL (IS): Som, espaço para prática de dança
- DURAÇÃO: 60 minutos

- **DESENVOLVIMENTO DA AULA:**
 - **PARTE INICIAL:** alongamento e aquecimento, revisão do giro da dama e giro com trava
 - **PARTE PRINCIPAL:** Dinâmica do aperto de mão; giro do cavalheiro, giro da dama com os braços cruzados e adorno do cavalheiro.
 - **PARTE FINAL:** treino

AULA 9 - Bachata

- **MATERIAL (IS):** Som, espaço para prática de dança
- **DURAÇÃO:** 60 minutos
- **DESENVOLVIMENTO DA AULA:**
 - **PARTE INICIAL:** alongamento e aquecimento, revisão dos movimentos da aula anterior.
 - **PARTE PRINCIPAL:** Giro enrolando e caminhando.
 - **PARTE FINAL:** treino

AULA 10 - Bachata

- **MATERIAL (IS):** Som, espaço para prática de dança, canetas.
- **DURAÇÃO:** 60 minutos
- **DESENVOLVIMENTO DA AULA:**
 - **PARTE INICIAL:** alongamento e aquecimento, revisão do passo da aula anterior.
 - **PARTE PRINCIPAL:** Sequência de passos.
 - **PARTE FINAL:** aplicação do questionário 2, treino livre e aviso sobre o baile de encerramento.

AULA 11 - Encerramento

- MATERIAL (IS): Som, espaço para prática de dança

- DURAÇÃO: 120 minutos

- DESENVOLVIMENTO DA AULA:
 - PARTE INICIAL: Treino livre
 - PARTE PRINCIPAL: momento de fotos, entrega de cartas e lache.
 - PARTE FINAL: Prática livre de forró e bachata